



Universidade de Brasília
Centro de Desenvolvimento Sustentável
Mestrado em Desenvolvimento Sustentável
junto a Povos e Terras Tradicionais – MESPT

Uso do Território a partir do modo de ser *A'uwê Marãiwatsédé* -
Ti'a na dahoimanadzé Wahi'rata nori tsi Marãiwatsété hoimandzébdzo hã

Cosme Rite

Brasília, novembro de 2017

Cosme *Rite*

**Uso do Território a partir do modo de ser *A'uwê Marãiwatsédé* -
*Ti'a na dahoimanadzé Wahi'rata nori tsi Marãiwatsété hoimandzédzo hã***

Dissertação de Mestrado
Profissional em
Sustentabilidade junto a Povos
e Territórios Tradicionais -
MESPT, do Centro de
Desenvolvimento Sustentável
da Universidade de Brasília.

Orientadora:
Sílvia Maria Ferreira Guimarães
Co-orientador:
Sérgio Sauer

Brasília, DF, novembro de 2017

Cosme Rite

**Uso do Território a partir do modo de ser *A'uwê Marãiwatsédé* -
*Ti'a na dahoimanadzé Wahi'rata nori tsi Marãiwatsété hoimandzêbdzo hã***

Dissertação de Mestrado
Profissional em
Sustentabilidade junto a Povos
e Territórios Tradicionais -
MESPT, do Centro de
Desenvolvimento Sustentável
da Universidade de Brasília.

Banca Examinadora:

Sílvia Maria Ferreira Guimarães
Orientadora (Presidente da banca)

Patrícia Mendonça Rodrigues/Consultora
Membro externo

Cristiane Portela/UnB
Membro interno

Felipe Sotto Maior Cruz/UnB
Membro externo

Mônica Celeida Nogueira/UnB
Membro interno (Suplente)

Brasília, DF, novembro de 2017

Dedicatória

Dedico este trabalho sobre os *A'uwê uptabi Marãiwatsédé*, relato da história da expulsão, da trajetória nas diversas terras de parentes, da retomada do território tradicional de *Marãiwatsédé*, no fortalecimento da resistência da luta pela terra, da memória e conquista, ao povo de *Marãiwatsédé*. Após muito tempo no retorno para o território originário, os grupos formados pelo pertencimento *A'uwê Marãiwatsédé*, que não esqueçam os seus lugares sagrados. Todos sigam acompanhando o Cacique Damião *Paridzané* na condução e articulação, que aconteceu desde o início do processo de reconhecimento da história dos *A'uwê Marãiwatsédé* que tenham interesse de retornar e lutar juntos com o cacique. Com o objetivo de construir a vida das novas gerações que virão para continuidade nas práticas voltadas para a origem dos seus antepassados, de seus rituais, crenças, organização social em seu território de *Marãiwatsédé*.

Agradecimentos

Primeiro lugar, agradecer à Universidade e Brasília que me acolheu na permissão do conhecimento no mundo *waradzu* (do branco).

Agradecer à equipe da coordenação do MESPT na minha recepção, me tratou de forma específica, pelo seu carinho e todos os que se relacionaram e auxiliaram na permanência na UnB.

Agradecer às pessoas que moram em Brasília e me acolheram em suas casas, o que foi necessário e importante para a minha permanência nos cursos.

Agradecer as pessoas que me deram apoio com alimentação e deslocamentos para Brasília.

Agradecer a minha comunidade de professores que compreendeu o meu afastamento na busca por conhecimento dos não indígenas.

Agradecer à aldeia de *Madzabdzé*, da qual faço parte, pelo apoio.

Agradecer à professora orientadora Sílvia Guimarães e co-orientador Sérgio Sauer pela paciência durante a realização da minha pesquisa e na busca do meu objeto de pesquisa.

Agradecer a minha querida professora Sílvia Guimarães na sua paciência de todas as orientações realizadas e todos os esforços diante de nossas dificuldades que passamos pelo tempo distante e por vivermos em lugares diferentes. Considero da sua conquista na presença desde que me aceitou e a história construída do meu povo.

Agradeço, em especial, a minha mãe pela permissão de buscar o conhecimento do branco, *waradzu*. Ter concluído este mestrado representa seu fruto e sonho realizado, e pelo cuidado com minha família na minha ausência.

Agradecer ao: Dutra, Aldo, José de Arimateia, Carolina, Rodrigo, Ireni, Edmar, Elidio, Boaventura. José Carlos, Franca com todos os apoios necessários nas entrevistas e logísticas.

Agradecer ao meu pai pela permissão de sair da comunidade para estudar, pela estabilidade política de fortalecimento com a questão do bem viver no nosso território. Permitiu-me de segui-lo na sua ideologia.

Agradecer a minha querida Claudiana Renhore e dos meus filhos Marcinho Ômodzé e Eziel e mais uma filha Marta Re'utõri'õ, na ausência da minha casa para a Universidade.

SUMÁRIO

1)	Começando a contar esta história _____	07
1.1)	Minha trajetória, meu local de fala _____	08
2)	Seguindo os rastros dos antepassados, o caminho que segui para buscar essa _____ história	13
3)	Quem são os <i>A'uwê</i> e e como se identificam _____	14
4)	A história de origem da remoção na trajetória do povo <i>A'uwê</i> <i>Marãiwatsédé</i> _____	21
5)	Bibliografia _____	33

1) Começando a contar esta história

Eu sou *Rite Cosme*, da etnia *Marãiwatsété tsipodo*¹, nasci no dia 08 de julho de 1983, na aldeia improvisada *Êtê aré* da Terra Indígena de Areões entre os municípios de Nova Xavantina (MT) e Água Boa (MT). Eu não nasci no local que define o meu povo, em *Marãiwatséde* (mata densa), eu sou *Marãiwatsété tsipodo* (povo da mata densa). Nós não somos “A Sociedade Xavante” distribuídas em comunidades ou unidades políticas autônomas, como disse Maybury-Lewis (1984), somos mais do que isso. Xavante foi o nome dado pelos não-indígenas a nós, simplificando nossas realidades e histórias.

Antigamente, nossos velhos explicam, vivíamos todos reunidos em um mesmo território, na região de *Ropi'reba hawi*, em um território amplo, livre, que englobava *Marãiwatséde*, na aldeia *Tsõ'repré*, quando aconteceu uma briga interna entre famílias e essas famílias se dispersaram. A partir desse movimento migratório, as famílias foram ocupando territórios e se fazendo mais humanos, mais *Au'we*, cada grupo a seu modo passou a criar especificidades na língua, nos cantos, nas danças, nas pinturas, nas competições de corridas de buriti e na ocupação territorial. Fomos nos diferenciando, criando nossas especificidades, cuidando dos nossos corpos, fazendo nossos resguardos, incorporando territórios que passaram a nos marcar e ser marcados por nós. Assim, os territórios ocupados e as pessoas passaram a fazer parte uns dos outros, os *Marãiwatsété tsipodo*, meu povo, precisa do território *Marãiwatséde* para ser quem é hoje. Assim, histórias, cuidados corporais e ocupação territorial estão entrelaçados.

Então, eu não nasci neste território que faz o meu povo e que meu povo o faz, nas em outras terras, mas fui criado a partir das narrativas históricas e práticas que vieram da relação com este território e que me foram relatadas pelos mais velhos, especialmente, meu avô e minha avó. Eu demorei para entender o que isso significava, o que era essa relação do meu povo com esse território que está na memória dos mais velhos. Neste trabalho, irei contar essa história, irei contar como aconteceu o processo violento de retirada dos meus antepassados de seu local, nosso deslocamento para outra terra de outros grupos e a luta pela retomada do nosso território tradicional. A luta por este território está em reconstruir as nossas vidas, sem terra nós não construímos nossas vidas. As marcas nos nossos corpos que nos fazem *Marãiwatsété tsipodo* nunca se apagaram e queremos reavivê-las em nossa terra, por isso, desde o primeiro dia que nos retiraram de lá, lutamos para retornar. Isso

¹ *Marãiwatsété tsipodo* é a denominação do povo da mata densa e *Marãiwatséde* é o território da mata densa onde vive o povo. As palavras na língua Xavante estarão em itálico.

aconteceu em 1966 e conseguimos ter nosso território de volta, reconhecido pelo Estado brasileiro, em 2012-2013.

Portanto, eu quero falar sobre o modo de vivência do meu povo, *Wahoimanadzé*, em sua terra sagrada. Um conhecimento que os mais velhos dominam, mas que não está sendo valorizado. A perda da nossa terra, a expulsão da terra fragilizou o repasse do modo de viver dos *Marãiwatsété tsipodo*, *A'uwê uptabi*.

Quando fomos transferidos para Terras Indígenas de outros *A'uwê* (denominados Xavantes pelos brancos) já demarcadas, chegamos primeiro na TI São Marcos, depois fomos para TI Couto Magalhães, em seguida para TI Areões e depois para TI Pimentel Barbosa. Isso durou de 1966, quando nos expulsaram da nossa terra, *Marãiwatsédé*, até 2012/2103, quando conseguimos retornar a nossa terra.

Em 1966, sofremos várias mortes em São Marcos, e vivendo entre outros denominados Xavante vivenciamos alguns conflitos que nos fizeram transitar por entre essas TIs. Também, vivenciamos vários conflitos com não-indígenas, especialmente, com aqueles que queriam a nossa terra com a articulação dos políticos locais e regionais que tentaram impedir o nosso retorno.

Hoje, vivendo em nosso território, quero saber como fomos, somos e seremos *Marãiwatsété tsipodo*.

1.1 Minha trajetória, meu local de fala

Para contar esta história, preciso dizer quem eu sou e porquê resolvi fazer isso. Depois de ter nascido na aldeia improvisada *Êtê aré* da Terra Indígena de Areões, fui levado no colo da minha mãe para a Terra Indígena de Pimentel Barbosa, que fica localizada no município de Canarana – MT. Essa mudança aconteceu em um acerto entre os não-indígenas, funcionários da FUNAI, e os caciques de Areões e Pimentel Barbosa, não fomos consultados sobre esses deslocamentos, o grupo de Areões não queriam nossa presença em seu território, temiam que podíamos tomar suas terras. Esses deslocamentos entre aldeias dos chamados Xavante foram muitos ao longo do tempo.

Em Pimentel Barbosa, cresci e passei pelo ciclo de formação das pessoas *A'uwê*, pelas fases de vida de *watebreimi* (menino), de *ai're pudu* (pré- adolescente), de *wapté* (adolescente), de *ritéi'wa* (furação de orelha/Rapaz). A atuação dos velhos foi fundamental neste processo, pois somente na memória, nos corpos que os faziam *Marãiwatsété tsipodo* estava a memória de *Marãiwatsédé*, território dos meus antepassados. Assim, eles

conseguiram me fazer mais um deles. Na minha infância de menino, não tinha irmã na família, assim, eu fazia tudo o que se fazia na casa pelas mulheres, fazia a comida, buscava água no rio da aldeia, levava as lenhas do mato pra casa, tive todo acompanhamento da minha mãe na roça, na coleta de frutas ou mel de abelhas no cerrado. Ao mesmo tempo, passei pela vivência com os homens, vivi a época de caçada de fogo tradicional dos homens, quando se busca o tipo de sustentabilidade da comunidade, o que denomino de bem viver Xavante. Quando estava na fase de *Ai're'pudu* passei a viver outro processo de preparação, comecei a não tomar banho no espaço das mulheres, mas passei a ficar no espaço dos homens e adultos. Tomava banho no rio em frente aldeia, sozinho ou junto com outros meninos da minha idade.

Depois entrei no *Ho*, na casa dos meninos. Nesse momento, seguia a orientação dos meus padrinhos, os quais tinham a função de serem educadores tradicionais. Eles orientavam sobre como realizar a higiene pessoal, os padrinhos, também, cantavam para nós durante a noite, por volta de uma hora da manhã, enquanto fazíamos círculos em cada casa até fazer isso em todas as casas. Saía para tomar banho às 4h da manhã todos os dias. A vida no *Ho* durou 6 anos, entre o ano de 1994 e 1999. Minha mãe fornecia a comida, vinha da minha casa, porém lá no *Ho*, as meninas não podiam chegar e nem levar as comidas, somente a minha mãe ou meu pai ou meus padrinhos que moravam próximos.

Ao longo desse tempo, eu não sabia que aquela terra onde estávamos era de outros *A'uwê*, de Pimentel Barbosa. Somente, alguns anos depois, comecei a perceber que aquela terra não era minha e comecei a perceber que eu havia nascido e crescido em outras terras que eu achava que era a minha. Então, a minha vivência sobre ao território de *Marãiwatsédé* está na minha memória, nas histórias contadas pelos mais velhos. Passei os rituais mais importantes da vida, de ser *ritei'wa aibo*, de viver o poder das espiritualidades *Darini* em uma terra que não era a minha. Isso significa que passei a entrar no mundo dos sonhos, a conhecê-lo melhor, a compreender outras dimensões da vida, relacionadas ao mundo dos homens em outras terras. Esse é um momento quando podemos conhecer todas as dimensões da vida e dos mundos dos homens. Entre 1998 e 1999, me formei *Riteiwa* no ritual dos *wapténhono*, que é o ritual de passagem para rapaz. Essas festas se encerram na corrida *tsa'uri'wa*, corremos com a tora de buriti ao longo de 18 km até alcançar a aldeia.

Logo após passar pelos rituais de iniciação para a vida adulta, ainda, me foi permitido fazer parte da vida social da comunidade, mas eu ainda tinha grande vergonha de andar por todos espaços. Havia espaços para os grupos desses jovens homens, que eu fazia parte, ainda não me era permitido participar do *warã*, eu precisava me tornar um padrinho.

Após esses rituais, também, passei a ter liberdade de relações com as mulheres, de conversar com elas e casar, mas não tive coragem de me aproximar delas, fiquei dois anos sem casar. Ao longo desse período, fui me preparando para ser um *A'uwe*, fui aprendendo e incorporando o processo de fazer as roças, as pescaria, as corridas de tora de buriti e outras atividades diversas e a interagir com a mata. Isso foi nos anos de 2000 a 2004, enfim, quando amadureci, fiquei adulto, havia uma mobilização interna conduzida pelo irmão do meu pai *Rufino Ru'awê*, que estava querendo levar um grupo de guerreiros para uma tentativa de retornarem para *Marãiwatsédé*. Eu não fui neste momento com guerreiros, ainda não estava preparado. Mas comecei a prestar mais atenção, a escutar as conversas e falas do meu pai, ele dizia que a terra *Marãiwatsédé* era dos nossos antepassados. Meu pai ligava para muitas pessoas que eu não conhecia. Vi em todo o processo que meu povo não desistiu de ter o território de volta, mesmo com as ameaças e destruições feitas pelos fazendeiros. Admirava muito a coragem das nossas lideranças. Nas minhas observações do movimento do meu pai, ele fez articulações fortemente para reunir os parentes e não desistir de voltar. Nosso povo estava espalhado por diversas terras dos *A'uwê* na aldeia Namankura da T.I São Marcos, na aldeia São Marcos, na aldeia São Felipe, na aldeia Santa Clara da T.I Parabubure e algumas aldeias da T.I Kuluene. Tivemos apoio dos outros *A'uwê* em todo esse processo.

Em 2003, ocorreu outra tentativa de reocupação pelos guerreiros. Desta vez fui junto com os guerreiros, saímos a noite da aldeia Água Branca, mas havia uma barreira bem próximo no limite do território, e os invasores brancos fizeram pressão gritando e soltando foguetes. O clima estava tenso mesmo, nessa época eu não entendia nada o que os brancos falavam, mas resistimos e marcamos a nossa presença. Aos poucos tudo foi se acalmando, do lado dos *A'uwê Marãiwatsédé* e dos *Waradzu* (brancos).

Acompanhei tudo de perto, ficamos na beira da estrada da BR158, durante nove meses, de novembro de 2003 a agosto de 2004. Íamos nas sedes das justiças na capital do estado de MT, em Cuiabá, e em Brasília, DF. No momento da primeira reocupação do território de *Marãiwatsédé*, quando entramos, eu estava na aldeia da minha mãe, a antiga aldeia Água Branca, estava estudando na escola da Vila Serra Dourada perto da aldeia. Aconteceu a retomada dos *A'uwê Marãiwatsédé*. Fui logo depois para *Marãiwatsédé*, queria ver como era, vi realmente a mata alta que os velhos falavam e muitos gradeados, desmatamento e terra preparada para ser plantada. O território era nosso, sabíamos disso desde sempre, havia a decisão da justiça, em 2004, favorável ao meu povo, precisávamos voltar mesmo com a presença dos invasores brancos.

Vi ser construída a aldeia *Marãiwatsédé*, e ainda e gostei muito de ver as coisas que nunca tinha esperado ver na minha vida. Em seguida nos anos de 2005, 2006 e 2007, entrei na escola estadual Prof. Gerson Carlos da Silva, no município de Bom Jesus do Araguaia, MT. Ia todos os dias para a escola, que distava 53 km da aldeia. No final do ano prestei vestibular para o Programa de Curso Intercultural Indígena da Universidade do Estado de Mato Grosso. Consegui entrar, nos anos seguintes de 2008 a 2012, fiquei estudando. Em 2013 e 2014, me interessei em ingressar no curso de mestrado Profissional junto a Povos e Terras Tradicionais, da Universidade de Brasília. E decidi por estudar este tema, contar essa história sobre a remoção forçada do nosso território e a retomada.

Eu quero falar desta história para tratar da realidade da minha comunidade, do meu povo. Porque vivemos problemas que precisamos solucionar, problemas que estamos vivendo com a retomada do território. Vivemos uma falta de recursos naturais, não há mais mata como havia antigamente, quando fomos expulsos. Passaram-se, aproximadamente, 50 anos de ocupação de não-indígenas no nosso território. Os fazendeiros que ocuparam o nosso território pensam em um tipo de produção, destruíram os rios, as matas. Os animais foram expulsos, fugiram, hoje, não há mais caça.

Reocupamos a terra, mas não havia mais nada do que existia antes para sermos *A'uwê Marãiwatsédé*. Não há mais nada para fazer os nossos rituais, nossas expedições de caça e pesca. Precisamos da floresta, do alimento, das tintas, das penas, da madeira, da caça para vivermos a maneira adequada de ser *A'uwê Marãiwatsédé*. E isso não há mais.

Sabemos o manejo, lidar com a floresta, controlar para não destruí-la. Mesmo com a área degradada, respeitamos e queremos nossa terra, queremos incentivar a reocupação do manejo *A'uwê Marãiwatsédé*. Esse manejo é o que nos faz *Marãiwatsété tsipodo* (o povo da mata densa).

Depois da nossa expulsão, no período de ocupação dos brancos, havia em *Marãiwatsédé* o gradeado feito pelos brancos, isto é, uma forma de preparação da terra para plantação de lavoura. Eles desmataram e estavam preparando a terra para plantar uma lavoura, não sabíamos do que. Na área da aldeia *Madzabdzé*, havia pastagem para gado, também, a floresta havia sido derrubada. Naquele momento, em 2004, quando retomamos o território, os brancos continuavam a ocupar a maior parte do território do *A'uwê Uptabi*. Os brancos que ainda ocupavam o nosso território, como proprietários ilegais, não deixavam que nós entrássemos nas nossas áreas que eles haviam transformado em fazendas. Eles se mantinham de maneira ilegal e de má fé.

Havia, também, um Vilarejo que é reconhecido como Posto da Mata dentro do nosso território, o que foi um grande desafio retirar esses invasores.

Portanto, este trabalho pretende compreender os processos de construção de resistência e de luta naquele lugar, no nosso território, que foi reocupado e por onde vivemos. Quero contar essa história de como estamos fazendo o uso do território e de que forma iremos fazer uso do nosso território a partir da maneira de ser *A'uwê Uptabi*. Para estarmos hoje vivendo perto do rio, fazendo a roça junto com a floresta, sem destruí-la, sabendo fazer a caçada do fogo, sabendo coletar frutos, plantas da floresta, precisamos viver a retomada. A floresta nos dá o que precisamos e ela precisa dos *Marãiwatsété tsipodo* assim como precisamos dela para nos tornamos mais ainda *Marãiwatsété tsipodo*. Sabemos conviver e retirar o que é necessário para nós e para a floresta. Com os brancos, foi feito um uso da floresta sem os verdadeiros ocupantes do território, sem a nossa presença, agora, com os *Marãiwatsété tsipodo*, será permitido a ela voltar a crescer, a ser floresta. Agora, iremos cuidar da terra para que ela possa cuidar da gente, com o que ela nos oferece, com suas plantas, alimentos, tintas, caça, pesca. Por exemplo, fazemos a caçada com fogo *dutsu* que é uma maneira que os velhos nos ensinaram para fortalecer e fazer florescer a floresta. Essa caçada com fogo não significa a destruição dela como o fogo dos brancos faz, com o incêndio para destruir tudo e que prejudica a saúde dos *Marãiwatsété tsipodo*.

Após a desintrusão dos brancos (*Waradzu*), nos anos de 2012 a 2013, dois anos depois, no ano de 2015, as comunidades se dividiram para cumprir as suas reocupações no território. Em 2013, aconteceu um surto que matou três crianças Xavante de *Marãiwatsédé* de adoecimento, o que deixou todos nós muito triste e mostrou mais um ataque que sofríamos dos brancos. Vivemos sempre marcados com os sentimentos da perda dos parentes ao longo dessa trajetória e, também, com as ameaças e conflitos com os *A'uwê* e *Waradzu* pela reocupação do território.

Retomamos nosso território, mas reduzido. Construimos, além da aldeia de *Marãiwatsédé*, outras três aldeias ao longo do ano de 2015. A segunda aldeia foi *A'ôpa*, a terceira aldeia *Madzabdzé* e quarta aldeia *Êtêwawê*.

Viver entre outros *A'uwê tsipodo* fez com que sofrêssemos interferências na vivência de alguns rituais, em algumas situações não podíamos nos expressar verdadeiramente como *Marãiwatsété tsipodo*, no entanto, guardamos na memória nossas práticas e conhecimentos. Depois de 44 anos, os *A'uwê Marãiwatsédé* conseguiram retornar e

retomar pequena parte do território tradicional, sentiram e se emocionaram ao ver, naquele primeiro momento, os lugares transformados pelos brancos.

2) Seguindo os rastros dos antepassados, o caminho que segui para buscar essa história

Fiz esta pesquisa na Terra Indígena de *Marãiwatsédé*, nas duas aldeias de *Marãiwatsédé* e *Madzabdzé*. Essas duas aldeias foram construídas em momentos diferentes, *Marãiwatsédé* é a primeira aldeia que foi fundada na retomada, em 2004, e outra aldeia *Madzabdzé* é aldeia nova, fundada em 2015. Escolhi essas duas aldeias porque eu moro nas duas aldeias, divido a minha presença em *Marãiwatsédé* e em *Madzabdzé*, aldeia da minha mãe.

Busquei as respostas para este trabalho com os anciãos, as anciãs, os professores, as professoras e o cacique do território de *Marãiwatsédé*. Além das suas histórias de vida, quis saber o que eles pensam sobre todo o processo de resistência na retomada e uso do território. Quis saber o que é a sustentabilidade, ou melhor, o bem viver do *A'uwê Uptabi Marãiwatsédé*. Em cada aldeia nova dos *Marãiwatsété tsipodo*, há uma nova realidade e novos processos de iniciativa na construção do modo de viver, de resistir, de ter uma vivência, sem deixar de ser o mesmo povo *Marãiwatsété tsipodo*. Antes de ocorrer essa expansão das aldeias, houve um acordo para que, quando houvesse alguma festa, todos deveriam fazê-la na aldeia central de *Marãiwatsédé*. Isso acontece porque no processo de expulsão do nosso território na década de 1960, tivemos que viver em outras realidades *A'uwê* e, em algumas situações, tivemos que modificar nosso jeito de ser. Mas, agora, no nosso território de *Marãiwatsédé* conseguimos rever, retomar várias práticas que estavam na memória dos anciãos e anciãs. Existem vários jeitos de ser *A'uwê*, estamos na construção do nosso jeito.

Realizei este trabalho, também, em dois espaços importantes dentro da comunidade: no *Warã* e na escola. O *Warã* é local onde se reúnem os homens adultos Xavante, onde eles decidem o que irão fazer ao longo do dia nas atividades cotidianas e ao longo do tempo mais amplo, onde eles apresentam seus sonhos, onde eles conversam sobre tudo e compartilham as decisões. Assim, conversei sobre esta pesquisa, fiz consultas sobre como deveria ser feita e decidi sobre os caminhos que esta pesquisa seguiu a partir das conversas com os mais velhos.

A minha pesquisa é uma produção coletiva, de todos os *A'uwê Marãiwatsédé*, os homens reunidos no *Warã* e as mulheres nas suas lidas irão decidir sobre os caminhos da pesquisa. Então, não é uma pesquisa feita e pensada só por mim, por um indivíduo, mas, ela será sempre discutida pelo grupo dos *A'uwê Marãiwatsédé*.

Não é uma pesquisa onde coletei números sobre o jeito de viver *A'uwê Marãiwatsédé*, conversei com as pessoas que conhecem bem suas memórias o jeito *A'uwê Marãiwatsédé* e na conversa eu quero que eles/elas me contem como foi ser expulso e retornar para *A'uwê Marãiwatsédé*. Por isso, fiz uma pesquisa que os brancos chamam de qualitativa com a participação de todos; chamamos esse tipo de pesquisa de *dahimitsutu romhuri manhari* (trabalho feito em conjunto), do mesmo modo como corremos unidos na corrida de tora, esta pesquisa será feita em conjunto.

Para contar esta história, junto aos relatos dos mais velhos, inseri fotos que estão nos acervos da Fundação Nacional do Índio (FUNAI) do período da nossa expulsão até dias mais recentes. Também, fotografei os dias atuais para contar e inserir na narrativa que segue mais adiante. A escrita deste trabalho foi feita ao longo das disciplinas do MESPT e na orientação com a Professora Sílvia Guimarães. A partir da minha oralidade, construímos o texto escrito, compartilhando conhecimento sobre minha língua e a língua *waradzu*. Assim, cada palavra deste texto foi discutida e escrita em colaboração.

3) Quem são os *A'uwê* e e como se identificam

A'uwê Uptabi é como nós nos denominamos. O termo Xavante veio dos brancos para denominar vários grupos que conhecemos como *A'uwê*, o problema da denominação dos brancos é que ela faz parecer que os *A'uwê* são todos iguais, falam e vivem do mesmo jeito. Somos diversos, os *A'uwê* são diversos, eu sou *A'uwê uptabi* de *Marãiwatsédé* e há vários outros grupos em aldeias e territórios diversos. Essa ideia de um único povo Xavante nos traz problemas, por exemplo, a Secretaria de Educação do estado do MT, pensa que somos todos iguais; mas somos diversos internamente. Desse modo, o currículo de cada escola *A'uwê* não pode ser igual para todas as comunidades. Também, foi essa suposição de igualdade interna que fez com que, no processo de expulsão, fôssemos para outras terras *A'uwê*, isso nos causou vários problemas.

Os velhos contam que há muito tempo atrás, antes dos brancos chegarem, havia um único povo *A'uwê Uptabi* na aldeia *Tsô're'pré*. A partir de um dado momento, houveram muitas brigas entre eles, alguns fugiram para evitar mais mortes. Um desses grupos, o dos meus antepassados, se dispersou, parou onde encontraram mata densa, alta e nesse local,

eles consideraram que seria o local certo para ter seus filhos, viver naquele território, criar sua descendência. Isso aconteceu antes dos brancos chegarem, todo esse território por onde nos deslocamos e fizemos nossas aldeias é terra *A'uwê*. Por esses locais e ao longo do tempo, o grupo dos meus antepassados começou a se fazer.

Em *Marãiwatsédé*, havia uma mata alta, cheia de bichos, perigosa, onde outros povos não conseguiram viver, mas lá esse grupo *A'uwê* se fez e teve sua descendência. Nessa região, os brancos dizem que há o encontro do cerrado com floresta amazônica, mas para nós, era uma mata alta, densa que encontramos e perigosa. Nós, os *A'uwê*, nos distribuímos por um vasto território no estado do MT, formando grupos diversos. Esse território ocupado por nós foi reduzido pela presença dos brancos e suas cidades.



Foto: Em *Marãiwatsédé*.
Acervo FUNAI



Foto: Em *Marãiwatsédé*
Acervo FUNAI



Foto: Em *Marãiwatsédé*.
Acervo FUNAI

As aldeias *A'uwê* são construídas em um semicírculo. As casas são denominadas de *Rí* abrigam famílias extensas de 06 a 10 pessoas, e têm aberturas para o centro da aldeia. As

mulheres exercem o papel principal na *Rí*, também cuidam do espaço da roça. No centro da aldeia acontece o *warã*, uma reunião dos homens adultos, onde são tomadas todas as decisões sobre as atividades que serão desenvolvidas, os sonhos são relatados estruturando essas atividades. Os meninos adolescentes dormem no *Hö* (casa dos solteiros). Os *A'uwê* realizavam grandes expedições de caça e coleta, quando vivíamos em acampamentos, onde as casas provisórias apresentavam a mesma distribuição espacial da aldeia. A caça era e é central; hoje, temos dificuldade de realizá-la diante do que fizeram com nosso território, muitos animais sumiram. Assim, há uma aldeia-base, local de partida e chegada, e os acampamentos provisórios.



Foto: Em *Marãiwatsédé*.
Acervo FUNAI

O sonho é orientador para o caçador. *Du* - a caçada de fogo - é uma atividade especial, feita na época da seca, decidida e planejada pelos homens adultos reunidos no *warã*. Na lua crescente, quando a constelação de *Siruru* está alta no céu e o vento no seu movimento que propicia a dispersão do fogo, os homens adultos planejam a caçada *Du*. Os homens espalham-se, divididos em pequenos grupos. Alguns homens ateam fogo no mato seco, fazendo uma linha circular de fogo na área determinada. Os caçadores cercam os animais que fogem. Além desta caçada coletiva, fazemos caçadas individuais. Fazíamos *zömori Marãiwatsédé*, quando grupos de famílias exploravam conjuntamente determinado

território, acampavam, permaneciam um tempo nesse acampamento e mudavam para outra área. Hoje, fazemos isso entrando nas fazendas, circulando pelo território, o que é um problema, os fazendeiros não gostam e não querem entender essa nossa atividade.

Nosso povo está dividido em duas partes ou clãs, como denominam os brancos; são os: *Owawê* (que significa rio grande) e *Poiredza'õno* (girino, filho de sapo). Os casamentos acontecem somente entre membros desses grupos opostos. Essa diferenciação está em vários locais e eventos, por exemplo, as casas estão dispostas da seguinte maneira: os *Poiredza'õno* estão do lado direito, e os *Owawê* estão do lado esquerdo. Em diversas cerimônias, os dois grupos lutam entre si, porém isto não significa que eles sejam inimigos. As lutas e jogos visam o aprimoramento dos *A'uwê* como povo e pessoas. Também, temos outras subdivisões internas aos grupos *Owawê* e *Poiredza'õno*, o que nos faz dividir, por exemplo, os adolescentes em duas casas *Hö*. Entre os *Owawê*, há os *Anhanamöwa*, *Ai'reré*, *Tinowa*, *Ahame're*. E entre os *Poiredza'õno*, há os *Tsada'ro*, *Ho'tomô*, *Eteda*, *Nodzo're*.

Os *A'uwê Marãiwatsédé* encontraram seu território ao sul e ali encontraram a terra que cuidariam e que ela cuidaria deles. Não havia limites de estados, nas direções norte, sul, leste e oeste, mas um território a ser ocupado.

Então, *Marãiwatsédé* é nome do lugar ocupado pelo grupo *A'uwê* que vive lá desde o tempo dos antigos. Lá existam várias espécies de animais, pássaros, cobras, muita caça, material para produzir arcos e flechas. Não pensávamos que a mata era perigosa, como os brancos temiam e a destruíam, mas pensávamos em ter nossa vida, assim passamos a viver no meio dessa mata densa, mata alta. Desse modo, surgiu a descendência do meu povo e o nome do lugar ocupado, na nossa língua é *Marã* que significa mata e *tsédé* significa densa e perigosa. Então, essa região passou a ser sagrada.



Mapa do nosso território com as distribuições das casas em uma aldeia.

Hoje, após o processo de violento de expulsão do meu povo de seu território, estamos vivendo de um modo diferente dos antepassados. Os nossos antepassados viviam e se

relacionavam bem com a mata, com os animais, os rios e com as plantas em sua volta, porque a terra é a nossa mãe, que nos dá os recursos que nós utilizamos. Existiam várias espécies de plantas e animais para nos manter na nossa vida cotidiana e nos acontecimentos rituais. Tudo isso era feito pelos antepassados porque existiam diversos recursos naturais. Hoje, esse conhecimento está na memória dos mais velhos, também está na memória a localização dos lugares de caça, de pesca e coleta de determinada planta.

Sem mata não conseguimos viver, ao mesmo tempo, sem os *A'uwê Marãiwatsédé* a mata também não consegue viver. Sabemos interagir com a mata e tudo que ela tem como animais, plantas e rios.

Espero que, futuramente, este trabalho possa ser usado para nossa comunidade e outros povos indígenas. Também, quero ter o conhecimento dos brancos e estudar as políticas públicas que não estão sendo cumpridas com o meu povo. Assim, poderei representar o meu povo junto às lideranças dos brancos e cobrar os direitos que conquistamos. Os nossos direitos territoriais, culturais, educacionais, sanitários assegurados pela Constituição de 1988 estão sendo, a todo o momento, ameaçados.

Na Universidade de Brasília, pretendi ter um bom conhecimento sobre os mundos dos brancos e sempre representando os *A'uwêtsi Marãiwatsédé*. Precisamos de políticas públicas construtivas e coletivas voltadas para o nosso povo, temos vários desafios que vieram do impacto das instalações das fazendas e expansões das plantações sobre o nosso território e onde somos oprimidos pela produção de soja e agropecuária na região. O grande desafio deste trabalho é colocar em prática tudo isso que estou prevendo, ter o conhecimento do meu povo reunido sobre o que é ser *A'uwê Marãiwatsédé* em nosso território, para que possamos pensar planos estratégicos de ocupação do território. Enfim, procurar superar as dificuldades que, hoje, estão presentes na reocupação do território.

Sobre as leituras que realizei o texto de Sauer (no prelo) fala sobre uma crise ambiental e do problema fundamental que se dá com o tipo de agricultura produzido por alguns grupos no Brasil que é causadora de muitos impactos ambientais. Esse impacto, sentimos na nossa terra e causou danos no nosso modo de viver. Também, a terra não deve ser pensada somente como produção econômica para abastecimento alimentar da sociedade, sem pensar nas consequências do tipo de produção. Sauer (no prelo) afirma que para se ter “temas estratégicos para a sociedade humana como todo” devem ser levados em consideração todas as pessoas envolvidas. Assim, a produção para alimentar as pessoas deve ser realizada sem destruir a vida das comunidades tradicionais, sem destruir a mata, os rios, os animais. Deve ser pensada formas mais sustentáveis para não prejudicar a vida,

o jeito de viver das comunidades. A produção agrícola não deve ser feita olhando somente os interesses econômicos. Há visões variadas de produções, os povos indígenas, por exemplo, querem produzir seu próprio alimento e não consumir outro, para isso eles precisam da terra, da mata, dos rios, dos animais. Somos muito criticados, nós, povos indígenas, porque ocupamos nosso território, temos a nossa produção e alguns brancos acham que não produzimos porque eles acham que existe somente o jeito deles de produzir. A violência que vivemos quando fomos expulsos dos nossos territórios fez com que abandonássemos a nossa produção tradicional, mas, hoje, queremos exatamente rever e solucionar essa situação.

Sauer (no prelo) fala da presença dos latifúndios, grandes propriedades de terra, que ocupam o território. Esses fazendeiros podem ameaçar, pressionar os povos indígenas no intuito de ampliar cada vez mais sua produção. Temos a presença desses grandes latifundiários em áreas vizinhas ao território de *Marãiwatsédé*.

Essa situação que vivemos hoje é parte de um processo violento que fomos submetidos e que resistimos, a seguir quero contar essa história. Preciso contar essa história a partir do povo *A'uwê Marãiwatsédé*.

4) A história de origem da remoção na trajetória do povo *A'uwê Marãiwatsédé*

Contar essa história explica quem somos. Somos *A'uwê Marãiwatsédé*. A história do meu povo é muito antiga, não irei falar do começo de tudo, mas do começo do povo *A'uwê Marãiwatsédé*. Essa história teve início quando saímos da aldeia *tso'repré* por causa de uma briga entre os parentes, isso faz muito tempo. Vivíamos juntos, mas uma briga causou a dispersão de famílias em várias direções. Uma dessas famílias foi para a direção de *Röpi'reba* seguiram em uma expedição, parando eventualmente em alguns locais. Até chegaram em uma região de mata densa onde passaram a fazer roça, a caçar, a pescar e construíram a primeira aldeia, denominada de *Bo'u*. Essa região foi denominada de *marãiwatsédé*. Nessa aldeia, passaram a realizar vários rituais, especialmente o *danhono*, que é realizado para que as crianças passem a fazer parte de vida social dos casais, dos caçadores, dos pescadores, dos corredores de tora de buriti, dos cultivadores. E assim fazem a proteção do seu território, ocupando-o com as atividades da vida *A'uwê Marãiwatsédé*.

Já sabíamos da presença do homem branco ou *waradzu*, ele, ainda, estava distante. Eventualmente, aparecia algum homem branco na aldeia. Esses passavam a cavalo, com armas de fogo com jeito muito diferente. Quando nos viam ficavam com medo e fugiam. Estávamos atentos, cuidando do nosso território, fazíamos expedições para viver no nosso território, caçando, pescando. Vivíamos em um espaço livre, por onde circulávamos exercendo o manejo do nosso território. Havia um subgrupo *A'uwê Marãiwatsédé*, denominado *êtêpa*, formado por homens e mulheres, que viveram os rituais de iniciação em *Marãiwatsédé*. Eles se relacionam bem entre si e cresceram fazendo suas vidas no território *Marãiwatsédé*. Esse grupo *êtêpa* da aldeia *Bo'u* saiu para construir uma nova aldeia onde passaram a viver e ocupar o território. Este local, com o passar do tempo, começou a ser sobrevoado por aviões. Ao mesmo tempo, na aldeia *Bo'u*, os brancos estavam se aproximando. Mas, ainda, ninguém dos *A'uwê* quis se aproximar dos brancos, estávamos vivendo nossas vidas. Perto da aldeia de *êtêpa*, os fazendeiros fizeram uma pista de avião, sem ter se aproximado de nós. Estávamos observando a presença desses homens brancos, guardando nosso território, sem desencadear conflito. A pista estava dentro do nosso território e próxima a aldeia, assim, alguns guerreiros foram a esse local, esperaram escondido no mato a chegada do avião. Quando o avião pousou, dois guerreiros conhecidos foram ao encontro dos brancos, outros guerreiros esperaram escondidos na mata. Alguns estavam ansiosos aguardando o que aconteceria no encontro, o sogro de um dos guerreiros lamentava com receio de ver seu genro morrer. Mas, esse guerreiro segurou a asa do avião e os fazendeiros desceram e cumprimentaram esses dois guerreiros. Por isso, eles são heróis dessa aproximação ou contato com os brancos, eles souberam fazer isso sem desencadear conflito com o homem branco.

Com passar do tempo, a presença dos brancos ficou mais intensa em todo território de *Marãiwatsédé*. Os *A'uwê* passaram a se reunir na aldeia *êtêpa* com receio da ameaça dos brancos que se aproximavam cada vez mais. Os brancos estavam ameaçando os *A'uwê*, dizendo que iriam matá-los se eles ficassem no território que estava sendo ocupado pelos brancos, esse território era o local de pesca, de caça, de fazer roçado, de colheita dos *A'uwê*.

Um funcionário de uma fazenda próxima passou a viver na aldeia e foi acolhido pelos *A'uwê*, passou a viver na aldeia. Ele aprendeu a língua dos *A'uwê*. Ele começou a arregimentar os jovens *A'uwê* para trabalharem nas fazendas, fazendo picadas, casas. Esses jovens não recebiam nada de pagamento, só comida, era uma escravidão. Esses jovens foram por coragem e vontade de conhecer e de ter essa vivência, eles não sabiam que seria

um regime de escravidão e que estavam trabalhando para instalar os brancos. Estávamos conhecendo, vivendo e percebendo o que estava acontecendo.

O cacique Dutra passou a liderança para o cacique *Ru'awê*, ele distribuía as coisas que os fazendeiros traziam, as roupas, comidas, facas, açúcar entre as famílias. Isso era o jeito dos homens brancos se relacionarem conosco para nos controlar e não deixar acontecer nada com suas fazendas. Nesse tempo, chegaram os missionários católicos da Missão de São Marcos junto com os parentes Xavante. Esses missionários viveram pouco tempo entre nós.

Os fazendeiros tentavam atrair algum *A'uwê* para ter o queriam de nós. Os fazendeiros e missionários iniciaram um processo para tentar nos convencer de abandonar nossas terras e ir para o território de outros Xavante. Os missionários falavam que se continuássemos na nossa terra, os fazendeiros iriam matar todos. Estava tudo preparado para eles nos retirarem de nossa terra, não sabíamos de nada. Continuamos com nossas vidas e negando abandonar o nosso território.

Dois dias antes de a aeronave chegar, houve um ritual de *wai'a* (de iniciação dos meninos, o poder da espiritualidade dos homens). Essa aeronave foi enviada pelo exército, pelo governo brasileiro para nos retirar de nosso território. Quando amanheceu, os *A'uwê* ouviram um barulho da aeronave. Os *A'uwê* foram avisados naquele momento que essa aeronave estava lá para transportá-los para outro território. Na porta do avião, ouve uma discussão entre jovens *A'uwê* que não queriam entrar na aeronave. Era um avião grande, dos militares, que cabia muitos de nós. Os militares estavam lá com aquela aeronave, permitindo aquela violência com meu povo, apoiando o interesse dos fazendeiros. Ninguém queria ir, entrar naquela aeronave e ir para outro território, os fazendeiros e missionários começaram a ameaçar, dizer que iriam matar aqueles que ficássemos lá. Foram forçados a entrar, homens, mulheres, crianças, velhos. Os pertences das famílias ficaram em suas casas, tudo aconteceu rápido, ninguém pegou nada para levar. Alguns pensaram em fugir, mas os fazendeiros avisaram que aqueles que ficassem seriam mortos.

Naquele momento, na entrada do avião, os jovens guerreiros reproduziram a voz da espiritualidade *A'uwê Marãiwatsédé* afirmando que a partir daquele momento, muitos iriam morrer, prevendo o nosso destino, e foi o que aconteceu. Não há fotos do nosso embarque na aeronave, eu penso que elas foram destruídas, só há fotos do nosso desembarque na Terra Indígena de São Marcos. Foram cinco vôos até São Marcos, levando todos os *A'uwê Marãiwatsédé*. Com o último embarque acabou tudo, acabou a autonomia

dos *A'uwê Marãiwatsédé*. Aqui é o fim, é o fim das vivências, das práticas rituais, dos grupos de jovens, das pinturas, das expedições de caça, da vivência na mata densa.

Passamos a contar o tempo do *waradzu* (branco), a estar no espaço do *waradzu*, a traduzir o nosso mundo para ser entendido pelo *waradzu*. O tempo, quando aconteceu a nossa expulsão e a nossa retomada, passou a ser vigiado pelo tempo da justiça do *waradzu*. O espaço ou território da Terra Indígena, das fazendas, das cidades, ou seja, dos *waradzu*, passaram a fazer parte das nossas vidas. E precisávamos entendê-los cada vez mais para negociar nossa sobrevivência.

**REAPROPRIAÇÃO DO TERRITÓRIO E BUSCA DO BEM ESTAR DO POVO XAVANTE DE
MARÃIWASÉDÉ**

Entrevistado: Dutra Tserepanhipti

Entrevistei meu avô na aldeia Marãiwatsédé da Terra Indígena Marãiwatsédé, sobre a origem dos A'uwê Marãiwatsédé. A última aldeia que reuniu todos os Xavante foi Tsõ're'pre. Aí, teve uma briga interna entrem eles. Aqueles que não aguentavam mais as brigas permanentes do próprio povo fugiram daquela aldeia e se dividiram. Um grupo foi e se direcionando para a região Rõ' Pi'reba (que é o sul para nós, mas é o norte para os brancos). Assim seguiram o seu rumo e passado algum tempo construíram suas aldeias. E aí formaram sua descendência nessa região que encontraram matas, mata altas, onde viviam diversos espécie de animais, bichos, aves e cobras. A primeira aldeia construída foi chamada aldeia Bõ'u, esse grupo se tornou os Xavante de Marãiwatsédé. Aí eles faziam as festas. Algum tempo depois, eles se espalharam naquela região. Havia o grupo Êtêpa que vivia na última aldeia construída denominada de Êtê'rã'urã. Próximo a esta aldeia, foi feita a primeira Fazenda Sede Suia Missu, nesta região. Quando o avião deste fazendeiro chegou, eu preendi, segurei o avião na asa, quando o avião estava pousado no primeiro pouso na pista da primeira fazenda, denominada da Fazenda Suia Missú. Ele e mais um sobrinho que chamava Ômõdze fizeram os primeiros contatos com o fazendeiro Ariosto da Riva. Eles não sabiam conversar em português, mas foi perguntando com ele o que estava fazendo, pois o fazendeiro tinha respondido a eles, que só estava percorrendo em todas áreas das regiões. Daí que o Ariosto da Riva começou levar as coisas tais como ferramentas, roupas e diversas alimentações. Ele recebia as coisas do fazendeiro e levava para o seu irmão mais velho, chamado Caetano Ru'awê que comandava como Cacique do grupo Xavante na aldeia Êtê'rã'urã. Portanto, na época, ele atendia os homens brancos e ordenava a ordem do seu irmão mais velho. Com o passar do tempo quase que ele assumia o posto de cacique do seu grupo por ter respeito. Tinha um funcionário da primeira Fazenda, que se relacionava com eles e viveu no meio e ainda aprendeu a língua do Xavante. Em alguns momentos, ele fazia voos com o fazendeiro. Na época, tinha somente uma aldeia, pois os outros grupos que moravam distante passaram a se aproximar desta aldeia com receio da presença intensa dos brancos que se aproximavam cada vez mais perto das aldeias. Assim, eles começaram a deixar os seus lugares, também naquele momento sabia que os brancos estavam querendo tomar a terra. Alguns Xavante passaram a trabalhar nas construções das casas da fazenda, picadas e cerca do terreno da fazenda. Com tempo, começaram a não querer mais os Xavante.

A fala do Dutra Tserepanhipti no Rio de Janeiro, no lançamento do Plano de Gestão da Terra Indígena Marãiwatsédé, com os A'uwê Uptabi Marãiwatsété Tsipodo. Eu vou me apresenta para vocês me conhecerem, em que vou dizer pra vocês que estão presentes no momento prestigiando a nossa presença, eu sou cacique antigo existiu na minha época. Eu peguei o avião pela asa do primeiro Fazendeiro que se chama Ariosto da Riva, e ainda fiz contato com ele, eu tive coragem de sair do mato ir ao lugar na pista do avião. É como eu me apresentei para vocês, mas alguns dias depois, eu repassei a posse do poder para o meu irmão mais velho. Porque tenho muito respeito pelo meu irmão, eu nem pensei procurar de confusão na função de liderança. Portanto, deixei com muito meu respeito do meu irmão mais velho. Quando o avião estava baixando e voando em cima da aldeia. E daí, nós dois fomos, eu e meu sobrinho Ômõdzé, pois na época era diferente não trazia a briga. E hoje a função do cacique está envolvendo confusão e trazer a briga interna. Mas nós não fizemos isso na minha época, antes da retirada da minha terra sagrada de

Costa (2006), usando a fala de Hall, explica como no encontro colonial, ou “primeiro contato” como é denominado pelos *A’uwê*, aconteceu uma violenta junção de temporalidades e histórias. Aqui estou tratando dessa junção entre os *A’uwê* e o *waradzu* onde passamos a ter o tempo contato dos *waradzu* e este se iniciou em 1966, quando fomos retirados do nosso território. E seguimos este tempo do *waradzu*, resistindo e até a retomada de pequena parte do nosso território em 10 de agosto de 2004. Assim, todo *A’uwê Marãiwatsédé* conhece esse tempo da retomada, marcado dessa maneira:

- Em 1966, fomos retirados do nosso território;
- Em 1992, na ECO/92, ocorreu uma grande assembleia quando as lideranças Xavante estavam reunidas e obtivemos apoio internacional e nacional. Teve início a articulação para a retomada do território;
- Em 1998, iniciou-se na FUNAI o processo de identificação, demarcação e homologação. Saiu o decreto de homologação da Terra Indígena *Marãiwatsédé*. As lideranças decidiram que a Terra Indígena deveria ser desocupada antes da ida dos *A’uwe*. Ao mesmo tempo, intensificou-se a presença de brancos em nosso território como uma estratégia de impedir a retomada, mesmo após o reconhecimento da Terra Indígena de *Marãiwatsédé* pelo Estado brasileiro;
- Em 2003, ocorreu a ida dos primeiros guerreiros ao território, o que se configurou em uma primeira tentativa por parte dos *A’uwe Marãiwatsédé* em retomar o território. Foram, aproximadamente, 40 guerreiros retomar o território, mas diante de muita pressão e ameaças dos fazendeiros, eles recuaram. Havia muitos *waradzu* em nosso território. Iniciou-se uma mobilização do cacique junto com a FUNAI para realizar a retirada dos *waradzu*. E, novamente, em novembro, um novo grupo de guerreiros com o apoio de outros Xavante retornou a *Marãiwatsédé*. No percurso até a Terra Indígena, eles foram impedidos de chegarem ao território e fizeram um acampamento, próximo à divisa do território, esse local foi denominado de *Rowatsétedzépa* (Córrego de Conflito). Ficamos 9 meses neste local, de 2003 a 2004, homens, mulheres e crianças estavam aguardando a entrada no território;
- Em 2004, três crianças *A’uwe* morreram no acampamento, fragilizadas pela situação, foram enterradas no limite do território. Obtivemos a sentença do juiz que permitiu a nossa entrada no território. Fundamos a primeira aldeia de *Marãiwatsédé*, denominada de

Marãiwatsédé. Mesmo a justiça tendo impedido a ação dos *waradzu* que impediam a nossa entrada em nosso território, parte dele ainda estava ocupado pelos *waradzu*.

- Entre 2004 e 2011, os *waradzu* estavam ocupando grande parte do território, ao longo deste tempo, fizemos mobilizações e pressões para que esses fossem retirados.

- Em 2012, obtivemos uma nova decisão judicial favorável a nós pelo Supremo Tribunal Federal. Em novembro, teve início as notificações para que os *waradzu* desocupassem nosso território. Em dezembro, a Polícia Federal, a Força Nacional, a Polícia Rodoviária Nacional e o Exército estavam em área cumprindo a ordem judicial. Ao longo desse processo de desintrusão, a situação ficou muito tensa entre por um lado, os *A'uwe* e policiais, e por outro, os *waradzu*. Passamos três meses sem sair da aldeia, sem ir às cidades. Esse processo de desintrusão foi de 2012 a 2013, a reintegração de posse oficial aconteceu em 5 de abril de 2013 com assinatura da Presidenta da República. Após a desintrusão, os posseiros vêm fazendo várias tentativas de invasão ao nosso território até os dias de hoje.

- Em 2015, fundamos mais três aldeias *A'õpa*, *Maqdzabdzé* e *Êtêwawê*, como estratégia de reocupação e vigilância do nosso território como fizemos no início do contato.

- Em 13 de maio de 2016, com o impeachment da Presidenta Dilma, os posseiros se reanimaram em invadir nosso território, passamos a ter que intensificar a vigília do nosso território e com nossos familiares. As lideranças *waradzu* que articulavam uma nova invasão do território foram presas a partir de uma ação do Ministério Público.

Esse encontro colonial ou do “contato” de temporalidades e historicidades foi acompanhado também por um encontro de espacialidades, de conceitos ou perspectivas sobre territórios. Assim, o nosso território de *Marãiwatsédé* onde vivíamos uma ocupação e manejo mais livre, tendo cuidado e se relacionando com a mata, os animais, os rios, passou a ter limites por onde poderíamos ou não estar. Assim, a Terra Indígena *Marãiwatsédé* tem um limite, o que é uma perspectiva dos *waradzu*. E tivemos que nos adaptar para termos nosso território e não tê-lo invadido pelo *waradzu*. O conceito de Terra Indígena faz parte de uma organização do Estado brasileiro, que tivemos que nos adequar.

Nós nos esforçamos por compreender os conceitos e perspectivas do *waradzu*, como por exemplo, as noções de território que ele tem. Mas, o *waradzu* não entende e não que entender a nossa perspectiva de território, como nos relacionamos com esse território, com as criaturas, as plantas, os rios, os animais, e como realizamos a nossa circulação neste território mais amplo, livre de cercas. Essa incompreensão sempre será uma fonte de

conflito. O esforço de tradução sempre parte dos *A'uwe*, pois os *waradzu* pensam e agem somente tendo como objetivo seus interesses econômicos. Para nós, o território é usado de maneira que mantenha o nosso bem viver, as nossas crenças, os nossos rituais, as nossas práticas de organização social, de cultivo, de coleta, de caça e de pesca.

Entendemos o mundo de outra maneira, onde o *waradzu* pensa que é sul para nós é *Römhoimo* (parte de cima); o norte é *Ropi'reba* (parte de baixo); o oeste *Botoputsidzé* (nascente do sol); o leste é *Botodzatsidzé* (poente); e o centro do mundo é onde fica *Marãiwatsédé*.

território, fomos levados para os territórios de outros *A'uwe*. Essa convivência não foi tranquila, para viver nesses outros locais, deixamos de realizar as nossas próprias práticas, da nossa própria maneira como era em *Marãiwatsédé*. Tivemos que nos adaptar a outros modos de ser, agir e pensar *A'uwe*. Não estar em *Marãiwatsédé*, em nosso próprio território, convivendo com a mata, os rios, as plantas, as roças, tudo que era utilizado dentro do nosso conhecimento na maneira do nosso viver, nos fez ter que se adaptar a outras formas de conduzir a vida.

Após sermos removidos de *Marãiwatsédé*, fomos para a aldeia São Marcos, na Terra Indígena de São Marcos. Quando chegamos, em 1966, meu povo viveu uma epidemia de sarampo, muitos morreram. Fomos separados, alguns foram alojados nas construções da igreja localizada na Terra Indígena e outros em outras construções da Terra Indígena. Essas mortes também revelaram os conflitos com os *A'uwe*. Nossos mortos foram desrespeitados, foram todos sepultados em uma única cova. Isso nos causou muita dor e sofrimento, assim muitos fugiram e se uniram a outros grupos *A'uwe*, indo fazer parte de outras aldeias como Sangradouro e Couto de Magalhães.

Em 1974, as lideranças conseguiram reunir o grupo *A'uwe Marãiwatsédé* em Couto de Magalhães e realizaram o ritual de iniciação dos meninos juntamente com os *A'uwe* de Couto de Magalhães. Foi a primeira vez que um grande número de jovens de *Marãiwatsédé* estava realizando o ritual de iniciação novamente. Não foi a mesma coisa de fazer o ritual em *Marãiwatsédé*, mas foi muito importante retomá-lo. Tivemos que nos adaptar ao jeito de realizar o ritual dos *A'uwe* de Couto de Magalhães, esse era muito semelhante, mas havia algumas especificidades que eram realizadas somente em nosso território, entre nós. Em Couto de Magalhães, uma criança morreu afogada e isso casou uma tensão entre os *A'uwe*. A liderança da aldeia de Couto de Magalhães queria vingar a morte da criança e chamou os *A'uwe* de *Kuluene* para ajudá-los, eles achavam que éramos os culpados por essa morte. Fomos retirados das nossas casas e colocados no centro do pátio, houve uma tensão crescente, mas parentes de Couto de Magalhães conseguiram acalmar a família da criança. E foi decidido que iríamos partir novamente.

Em 1982, fomos para Areões, onde construímos uma aldeia improvisada *Êtê'are*. Uma liderança de Areões foi nos buscar e a FUNAI estava presente também. Não ficamos por muito tempo. A aldeia improvisada foi construída em um local com pouca água, o que tornou inviável nossa permanência. Seguimos para a Terra Indígena de Pimentel Barbosa, onde construímos a aldeia de Água Branca e ficamos até a retomada do nosso território. Lá tivemos, também, muitos atritos com os *A'uwe* de Pimentel Barbosa, eles nos avisavam

que não poderíamos viver em seu território por muito tempo, pois nós não éramos os fundadores daquele local. Eles nos chamavam de “Sem Terra”. Mesmo assim, tínhamos uma boa convivência com alguns *A’uwe* de Pimentel Barbosa, que nos acolheram.

No processo de retomada do nosso território, nosso cacique teve apoio de algumas lideranças *A’uwe*, pressionando a FUNAI, o Ministério da Justiça, o Ministério Público. Essas lideranças também nos auxiliavam na observação da movimentação dos posseiros.

Os *A’uwe* não são todos iguais, não devem ser tratados de forma geral como um único povo, mas somos diversos internamente. Cada povo vinculado ao seu território constrói a sua história de origem. Quando precisamos do apoio do outro, nos unimos e nos ajudamos como povo *A’uwe uptabi*.

Terra Indígena Marãiwatsédé, 03 de Março de 2017.
Aldeia Marãiwatsédé

Entrevistado: Cacique Damião Paridzané

Local de Entrevista: Casa da Aldeia (várias pessoas se reuniram para escutar o Cacique Damião, a foto que tirei abaixo mostra este momento)



Meu nome Damião Paridzané, na língua originária, meu nome é Paridzané. Sou cacique da aldeia Marãiwatsédé. Sou a fonte da luta pelo nosso território, desde o início estava no processo de retomada da terra. Vou contar sobre a minha história de luta. Por que eu estava pensando em meu futuro? Os nossos antepassados viviam há muito tempo naquele lugar. Eles viveram uma guerra interna entre próprios parentes, eles se deslocaram por um território livre até chegar na região de Marãiwatsédé. Vivíamos juntos, antes se dividir e expandir por causa da briga interna. Portanto, eu pensei primeiro, a expulsão que tivemos de Marãiwatsédé não foi a vontade nossa. Vivíamos apropriado e em harmonia na nossa terra. Naquela época, ninguém falava na língua waradzu (do branco, português), até o líder, guerreiro, do grupo não defende nada porque não se expressa em português para que permanecêssemos naquele lugar onde existia aldeia. Nos anos de 1966, após a nossa retirada para a Missão Salesiano em São Marcos, eu passei a estudar no espaço da missão no meio da sujeira dos animais (tsi anhana wadzari, utu unhana wadari,

rubo nhanawadzari). O finado padre Mestre Jorge reuniu as crianças para ter aula, éramos barrigudos, não tínhamos o corpo limpo e preparado do jeito A'uwê Marãiwatsété. No dia 15 de agosto de 1966, quando chegávamos lá, em São Marcos, sentimos muita saudade dos nossos lugares que deixamos. Só vou dar um exemplo, quando nasce o filhote de vaca, se alguém compra ele pequeno, ele irá sentir falta também dos seus lugares e ele volta para o lugar onde nasceu e foi criado. Assim, também, nós temos coração, pensamentos e falamos. Por isso, quando comecei, eu sempre pensava da relação da memória do meu povo. Ao mesmo tempo, os padres da missão chamavam nossa atenção na sala de aula e na igreja. Diziam: "Vocês têm que estudar bastante, principalmente, A'uwê Marãiwatsété Tsipodo porque futuramente vocês próprios terão que lutar pelos seus direitos e defender, não podem dormir e fiquem atentos para estudar. Porque algum tempo depois, serão vocês próprios que irão lutar. Quando lembrarem algum tempo depois que nós orientamos vocês, e ainda alguns de vocês devem pensar por aquilo tudo que falamos em cada momento. Pois, será que vocês não podem pensar em que podem lutar para que retornem para o seu território, não é pra agora do seu retorno?" Nos anos 1966, na mesma semana que chegamos, ocorreram graves doenças, houve uma epidemia de sarampo e morreram muitas dos nossos parentes. Portanto, eu assumo essa responsabilidade do meu povo. Primeiro, não fomos aceitos na chegada em São Marcos. Os nossos parentes em São Marcos diziam que fomos contaminados por doenças vinda da nossa terra. Existe em cada grupo, gente ruim, que fala mal da nossa trajetória de mudanças, aí, eu estava pensando: será que algumas coisas irão acontecer com o meu povo nesse outros lugares? Mas, não podia fazer nada, porque estava na fase de adolescência. Algumas coisas ruins foram acontecendo, mas eu, na idade que tinha, não podiam procurar saber de fato dos acontecimentos. Porque eu tinha fé, crenças forte da minha religião que todo mundo não iria morrer nesses outros lugares. Quando estávamos nos anos de 1974, alguém (uma pessoa que aparece no sonho e significa a espiritualidade A'uwê dos homens, dos guerreiros, é uma fonte de conhecimento, da vivência do jeito de ser A'uwê) me avisou para sair daqui, de São Marcos, urgente com meu povo, assim alguém me avisou, isto é, aquelas pessoas que querem matar e acabar com todos nós de Marãiwatsédé. Aqueles dos seus grupos de Marãiwatsédé que se espalharam, é melhor chamar todos eles e juntar para não acabar tudo. Mas, eu não podia falar nada, nem discutir, quando estava adolescente. Ao mesmo tempo alguns grupos foram para Couto Magalhães e ali foram criados e cada vez mais se espalhando, assim, alguns foram para o Sangradouro, dois dos meus irmãos mais velhos com o meu compadre. Tinha mais gente do meu povo, alguns ficaram em São Marcos, estávamos na casa de adolescentes (Ho), fazendo ritual de iniciação. Quando eu cheguei, em 1977, em Couto Magalhães, mas, antes nos anos 1976, mais uma vez alguém me falou de novo (em outros sonhos, a espiritualidade dos A'uwê): "porque você só me ouve porque não acredita na minha fala para você porque ainda era adolescente, jovem". Alguém (nos sonhos) dizia: "Você tem que ir atrás do seu povo, para juntar o seu povo e não ficar sozinho e todos nós vamos juntos na sua luta do seu povo". Assim alguém me falo de novo, depois da passagem da minha vida para o rapaz. Na consequência depois da minha chegada em Couto Magalhães, houve rituais de passagem de vida do grupo Ai'rere. Logo, uma criança de Couto Magalhães morreu afogada no rio da aldeia, então começaram a falar que o grupo de Marãiwatsédé tinha jogado a criança. Aí, vieram muita gente de outras aldeias que ficavam mais próximos, como do Kuluene, eu não posso esconder que eles fizeram mal com agente. Aí, com essa ameaça, comecei a andar junto com a FUNAI e alguns meus conhecidos Padre Clemente chorou de saudade na hora que me encontrou. Depois, em seguida, nos juntamos com o finado Fonseca que me acompanhou. Mas, o que aconteceu no pátio de Couto Magalhaes, é que quase tinham cortado o nosso pescoço, do grupo de Ai'rere, devido à morte da criança. Naquele momento, ninguém sabia se só as mulheres ficariam vivas e poderiam ser levadas para Kuluene. Eu estava em Nova Xavantina, eu estava dormindo na estrada, quando duas pessoas (no sonho) apareceram e me falaram: "Levante e saia daqui urgente, porque os seus parentes estão chegando onde estavam o seu grupo e vão acabar tudo com os A'uwê Marãiwatsédé. Eles estão com cinco caminhões de muitas gente de Kuluene para brigar com os A'uwê Marãiwatsété". Eu estava na casa onde atualmente é a cidade de Campinápolis, na época não tinha cidade, quando cheguei, o pessoal de Kuluene já estavam se aproximando da aldeia. E mais tarde outros chegaram também, eu achava que tinha chegado todo mundo. Então, logo fizeram maldade com o meu povo, colocaram os jovens e adultos no pátio. Aí, eu fiquei pensando e lembrando de tudo que foi falado pelos Padres, quando estava estudando. Aí, fiz uma ligação para o sede da Fundação Nacional do Índio (Funai) em Barra do Garças. Para chamar o chefe da Funai, na época, era o Ajudancia, para que a Funai chegasse o mais rápido possível. A partir daí, os velhos me reforçaram e perceberam que eu estava defendendo o meu povo, me formando como liderança. Depois da ameaça, o meu tio finado Adão chegou com o caminhão dele, a Funai tinha chegado também e tivemos reunião juntos com a Funai para que pudéssemos deixar esta aldeia. Na reunião, eu disse para o Claudio Romero, que queríamos ir direto para o nosso território para Marãiwatsété. O Claudio me respondeu que por ele, não teria nenhum problema, só se vocês concordarem todo mundo, nos levaria direto pra lá. Disse que se houvesse alguma coisa dos brancos, vamos tirar da terra e vamos chamar os policia para dar segurança. Alguns não quiseram ir direto pra lá, então, fizemos o seguinte, entramos na terra indígena de

Areões, se não dê certo, nós vamos sair de lá também. Eu estava me esforçando cada vez mais para retomar Marãiwatsédé. Mesmo não ocorrendo nada com os parentes de Areões, tivemos de mudar para a Terra Indígena de Pimentel Barbosa. É por lá sofremos muitas ameaças dos próprios parentes, que ainda falavam que somos alugados da terra e me deu uma grande vergonha ouvir isso. Eu pensei de novo que não vou esperar a existência e a permanência de ameaças com os meus netos e netas era o momento de eu começar a minha articulação de todo o processo da retomada. Eu vou correr atrás e assumir todo acompanhamento do processo para que eu possa chegar no meu território originário de Marãiwatsédé. Eu tenho que salvar os meus netos e também o meu território para que todos possam viver em paz na terra dos seus antepassados. Até eu posso chegar no lugar que eu nasci junto, com os grupos. Duas pessoas chegaram da Itália, eram a Iara Ferrari e Mariano, que nos apoiaram no processo. Marcamos uma agenda no Ministério da Justiça. Para que solicitar a assinatura da portaria do Ministro da Justiça para formar a equipe da Funai e com o antropólogo para que eles possam chegar e fazer o estudo na delimitação da terra. Foi assim que comecei. Porque se eu não tivesse assumido esse compromisso com o meu povo, nós não teríamos autonomia, autodeterminação e mais a sua própria organização social. Os parentes achavam que nós não tínhamos terra, mas nós tínhamos a terra de Marãiwatsédé. E onde hoje estamos aqui, é para isso que eu lutei, para ter terra. Porque mesmo se eu morrer, mas os meus netos têm que viver sem brigar com ninguém dos seus parentes. Porque nós passamos várias vezes por conflitos nas terras que vivemos. Por isso, fizemos luta coletiva, porque alguns brancos falavam que nós iríamos conseguir a retomada do território. Mas não conseguimos chegar todos na nossa trajetória final, morreram muitos, anciãos e crianças. Porque idealmente fizemos a retoma do nosso território para os nossos netos e netas. Vou continuar a contar a minha história, não esqueci nenhum momento, nós perdemos em duas vezes em sentenças desfavoráveis, mas conseguimos nas últimas instâncias através dos Advogados da Funai, para que pudéssemos entrar e reocupar pequenas partes do território. Quando o processo ficou pronto, depois de todas instâncias da justiça, houve o problema da minha saúde entre os anos de 2001, 2002 e 2003, eu quase morri de doença. Mas mesmo doente fui à Brasília para pedir novos recursos para alimentação e combustível, para deslocamentos da retomada do território. Conseguí recursos para tudo isso, só o grupo de I' rehi com 40 pessoas foi na primeira tentativa da retomada. Mas não resistiram e logo voltaram convencidos pelo dinheiro dos fazendeiros. Mas, fui de novo à Brasília para pedir mais recursos e todos os órgãos do Governo Federal ficaram preocupados da volta dos guerreiros do seu território. Mas consegui mais recursos, 25 mil para alimentação. Daí comecei a articular com meus parentes de outras aldeias como Namankura, São Marcos e Kuluene que chegaram e apoiaram a grande mobilização da retomada do território. Quando eles saíram da aldeia Água Branca, a nossa última aldeia. Quando os grupos de A'uwê Upatabi passaram a entrada da estrada da cidade Canarana, lá já tinham os posseiros estimulados pelos fazendeiros esperando a nossa ida, dos grupos A'uwê Uptabi, de lá os posseiros foram acompanhando os caminhões dos A'uwê Upatabi. Onde tinha ponte, próximo ao Posto de Gasolina, denominada Malu, eles botaram fogo em cima da ponte, mas os guerreiros conseguiram passar. Depois na outra ponte, próxima da terra indígena de Marãiwatsédé, os posseiros e fazendeiros impediram a nossa entrada, queimaram a ponte com os pneus velhos. Eles já tinham colocado os pneus em cima da ponte, eles estavam bem preparados para atacar os A'uwê Uptabi. Os posseiros estavam organizados e apoiados pelos prefeitos das regiões na condução de impedir para não deixar acontecer a entrada dos grupos dos A'uwê Uptabi. Portanto, fizemos acampamentos, fizemos um revezamento para o acampamento nunca ficar sozinho, essa era a nossa organização da nossa presença. E, no acampamento, eu recuperei a minha saúde. Eles sabiam que a terra já está demarcada e homologada, mas eles não deixavam nós entrarmos, mesmo com a sentença do Judiciário favorável. Eles não queriam desistir. Por má fé, fizeram invasão do território. Quando eu estava no acampamento, o que estava acontecendo? Muitos fazendeiros estavam procurando com mala de dinheiro. Eu não aceite nenhuma porque eu não sou para isso. Não pensei e continuamos morando juntos no acampamento, quase completou dez meses. Mas, o judiciário deu uma sentença favorável para que nos reocupássemos uma pequena parte do território de Marãiwatsédé. No acampamento tivemos alguns sofrimentos, havia muita poeira das carretas, ali ficamos como na vida de sem terra na beira da estrada. Nas noites, havia vários tiros de bala todos os dias, passamos sede sem água potável, diversas problemas de saúde se somaram. Assim, perdemos as três crianças. Mas, o que eu fiz, ouvi os demais e decidimos juntar as três crianças e enterrá-las bem no canto da nossa terra, no limite da entrada. Por isso, tem cemitério das crianças que enterramos quando nos estávamos acampados. Quase entramos no território, mas nós não sabíamos ainda os limites do nosso território que foi indicado no relatório, estávamos bem próximo da terra e os posseiros bloquearam. Por esse motivo, passamos em nove meses e sofremos muito na divisa, no acampamento. Porque eu lutei pelo nosso território, para ter a terra dos meus netos e netas, porque a terra é nossa não dos brancos. Mesmo destruído, nunca deixei, desisti. Porque a terra nunca acaba, mas o dinheiro acaba. Por isso nunca pensei com dinheiro. A comunidade deve se constituir em subgrupos formando novas aldeias para o futuro dos seus que possam viver nessas aldeias. Porque criamos as três novas aldeias? Porque é nossa terra. É para isso que eu lutei, pela terra. Para ter a própria terra.

Só nós podemos morrer, mas a terra não acaba. Hoje, estou falando, mas amanhã, depois posso morrer e fico debaixo da terra. Para que os nossos netos que virão possam viver também e não levar também as bebidas alcoólicas lá dentro das aldeias. É melhor cuidar só terra. O que espero do futuro dos nossos netos é que eles aprendam o trabalho, a valorização da cultura e os estudos. Se alguém aprende com as nossas histórias, futuramente, o que deve pensar é em assumir o processo de ampliação da terra. Porque o que estamos ocupando ainda é parte muito pequena do nosso território atual. Futuramente alguém vai falar: “Ah tá, então essa terra é terra dos nossos antepassados vamos lutar que não está demarcado a maior parte”. A minha luta não é pra procurar briga interna da própria comunidade. Desde o início do processo até o fim não foi fácil. Por isso não esperou que a comunidade se divida em algo momento. Eu fiz meu compromisso na frente do Ministro da Justiça, quando ele me perguntou: “Porque você quer terra? E você vai aguentar?” Porque a terra onde eu nasci é terra do meu antepassado e também é nossa. Sim vou aguentar porque sou muito jovem, ainda até ficar velho estarei na luta pela terra, se houver ameaça no meu percurso. Foi assim eu respondi ao Ministro da Justiça. Porque essa terra, quando era o tempo dos meus antepassados que a ocupavam, viviam mais próximo dos parentes como os Kalapalo, Tapirapé e o Karajá, esses últimos eram do outro lado do estado de Tocantins. Eu estou muito preocupado com a desorganização atual desta aldeia, vocês não estão lembrando os preconceitos que passamos com nossos próprios parentes por ocupação da terra deles? E não está sendo valorizada a nossa organização da comunidade. Eles (os jovens) não estão preocupados com a maior parte destruída do nosso território. Tenho pensado que para que natureza volte e para que os bichos se aproximem. Porque eu gosto de ver a cabeça da onça pintada. Ideal seria aumentar cada vez mais a produtividade dos alimentos, valorizar o respeito e manutenção da cultura. Para isso eu lutei pelo meu território assim terminei a minha fala.

5) Registro fotográfico da origem da remoção

Waradzu deixou algumas fotos sobre a remoção dos *A'uwe Marãiwatsédé*, recolhi essas fotos na FUNAI e organizei de maneira a contar como foi todo esse processo. Estranhei o fato de não haver fotos de nossa entrada na aeronave no momento da remoção, mas somente da nossa chegada em São Marcos. Acho que isso aconteceu para que eles não tivessem documentos que retratassem a violência do que estavam acontecendo naquele momento e a resistência que realizamos. As fotos a seguir mostram meu povo em seu território antes da expulsão, ao longo do processo de retomada.



Ariosto com as mãos para trás, Dário camisa aberta ao lado dos jovens Xavante.

Acervo FUNAI

Ariosto foi o primeiro fazendeiro com quem tivemos um contato mais intenso, foi um dos que planejou a nossa remoção. Dário é o gerente da fazenda que passou a viver conosco e aprendeu a nossa língua. Foi batizado como irmão do meu pai, os *A'uwe Marãiwatsédé* não desconfiaram das atitudes dele. Ele fez parte do processo de convencimento para a remoção. Dutra e Moisés estão ao lado deles.

Esta foto representa o que denominamos de “primeiro contato”, que se deu com a chegada do primeiro fazendeiro Ariosto da Riva e seu gerente Dario Carneiro. Nesta foto, estão os *A'uwe Marãiwatsédé*, Moisés está ao lado direito e o Dutra *Tserepanhipti* está ao lado esquerdo. Dutra fez contato com o fazendeiro que tinha instalado sua primeira fazenda Suia Missu. Após este encontro, Dutra *Tserepanhipti* repassou a liderança para o seu irmão mais velho que se chama *Ru'awê*. Na foto a seguir, *Ru'awê* está com a borduna.



Acervo FUNAI

Ru'awê recebia as coisas que os fazendeiros levavam para a aldeia e distribuía para os grupos da sua aldeia. Os fazendeiros faziam isso como uma tentativa de nos controlar. Era a maneira como os *waradzu* se relacionavam conosco para nos agradar enquanto se aproximavam. Nesta foto, os *A'uwê* estão ao lado de um trabalhador da fazenda, provavelmente, um Xerente. Alguns Xerente trabalham em fazendas próximas.



Acervo FUNAI

Em nosso território, realizávamos a dança *Uiwedenho're*, quando os homens dançavam e cantavam em roda. Iniciavam dançando, primeira, a sua direita e depois à esquerda. Essa dança finaliza a corrida de tora de buriti (*uiwede*).



Acervo FUNAI

Fazíamos o *warâ* que é parte da nossa organização social, onde os homens se reuniam todos os dias, sempre no começo dia e ao final do dia. Era o momento de tomada de decisões do que iríamos fazer nos dias seguintes. Ali é um lugar de política da aldeia quando há muito respeito e valorização das pessoas que vivem na aldeia. É um lugar de ordenamento do cotidiano dos *A'uwê Marãiwatsété tsipodo*.



Acervo FUNAI

As mulheres faziam suas atividades que eram coletas das frutas, de mel de abelhas, das batatas e outras produções. Elas fabricavam cestos, *bacter* (cesto para colocar nas costas), *abamere* (cesto com tampa). Faziam *abadzi* (rolo de algodão, usado na gravata dos *Au'wê*) e fabricavam a tinta de urucum. Preparavam os alimentos tradicionais trazidos das roças e das coletas. As mulheres se reuniam entre as vizinhas e saíam para realizar suas atividades cotidianas, que era: sair para coletar frutas e batatas nativas, buscar lenha, cuidar da roça ou fazer alguma colheita. Enchiam o *bacter* de alimentos ou lenha. Retornavam para casa e preparavam os alimentos. Essa rotina devia ser acompanhada pelas crianças e meninas mais velhas. Os homens se reuniam no *warâ* a noite e elas aguardavam o retorno dos homens, discutiam os assuntos com os homens próximos. No dia seguinte cedo, novamente, os homens se reuniam para tratar das atividades do dia.



Acervo FUNAI

Os homens realizam suas atividades cotidianas que auxiliavam no sustento da família, essas eram, principalmente, caçar e pescar. Eles amarravam os animais caçados para carregar nas costas, mas antes eles cobriam o corpo com a folha de *tiritsu*. Iam também para a roça, onde plantavam e capinavam. Eles utilizavam arco e flecha para matar os animais. Produziam, também, os seus artefatos como os enfeites colocados no pescoço de algodão, esteiras, bordunas, o arco e flecha, esteiras para dormir. No *warâ*, os homens reunidos organizavam as atividades e tomavam as decisões políticas.



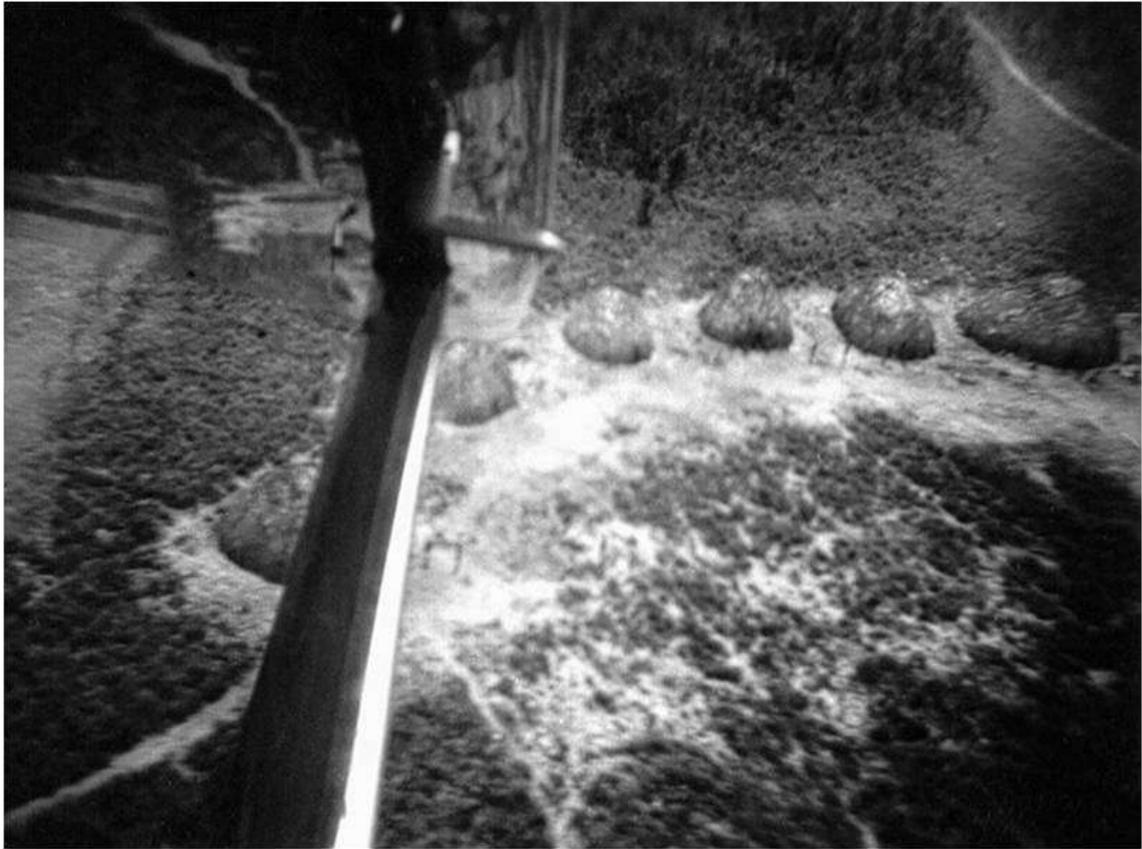
Acervo FUNAI

Essa é primeira instalação da fazenda Suia Missu, no território *Marãiwatsété* em 1960. O fazendeiro começou a articular com os missionários a nossa retirada. Os *A'uwê Marãiwatsété* não sabiam da existência do SPI, mas funcionários deste órgão sabiam o que estava acontecendo e me pergunto por que eles não foram lá interceder a nosso favor. O Relatório da Comissão da Verdade afirma que essa fazenda foi criada como uma empresa agropecuária que tinha benefícios do Estado brasileiro. Jovens guerreiros *A'uwê* foram enganados para construir pistas de pouso, estradas e roças para a fazenda. Não recebiam nada, somente alimentação.



Acervo FUNAI

Esta foto foi tirada na véspera da remoção quando estávamos realizando o ritual de *Wai'a*, ritual que concentra o poder da espiritualidade dos homens. Os guerreiros estavam se pintando. O *Wai'a* inicia-se por volta das seis horas da tarde e dura a noite toda até o amanhecer, terminando às seis horas da manhã.



Acervo FUNAI

Logo após o término do ritual (*Wai'a*), os *A'uwê Marãiwatsété* escutaram o barulho do avião. Ninguém desconfiava que este pouso iria mudar suas vidas. O avião da FAB estava lá para retirar o grupo *A'uwê Marãiwatsédé tsipodo*. Quando o avião pousou, os *waradzu* foram covardes, não avisaram que estavam planejando nos retirar dali. Quando percebemos o que estava acontecendo, houveram muitas discussões entre os *waradzu* e os *A'uwê Marãiwatsété*. Afirmávamos que não podíamos deixar o nosso território, mas fomos forçados e ameaçados. Os *waradzu* diziam que se alguém ficasse, morreria. Haveria um grande massacre. Mesmo assim, alguns resistiram, pensaram em fugir, mas as ameaças não pararam, diziam que aqueles que ficassem seriam mortos. Todos foram retirados a força e de maneira rápida, os pertences das famílias ficaram espalhados pelas casas na aldeia.



Acervo FUNAI

Esta foto foi tirada em São Marcos, na chegada dos grupos de *Marãiwatsédé Tsipodo* em 1966. Muitos *A'uwê* da aldeia de São Marcos, na Terra Indígena de São Marcos, vieram ver o que estava acontecendo, a nossa chegada. Todos os parentes *A'uwê* de São Marcos estavam na espera, na pista do avião para verem os *Marãiwatsété tsipodo*.



Acervo FUNAI

Depois um dia acomodados na igreja, meu povo ficou doente com sarampo. Com essa epidemia muitos morreram, crianças, jovens e adultos não tiveram chance de se recuperarem da doença. Então, este foi um momento difícil e triste para *Marãiwatsété Tsipodo*. Quando chegamos nos deram roupas e remédios que acreditamos que foram a causa da disseminação da doença. E a fala dos nossos guerreiros - os quais resistiram na porta da aeronave e escutaram o aviso da nossa espiritualidade - afirmando que iríamos morrer, passou a acontecer.



Acervo FUNAI

Ficamos muito debilitados, fora do nosso território. Nesta foto, Dutra *Tserpanhipti*, encostado na parede, está de cabeça raspada, o que significa que estava de luto pela morte de um parente da família. Dutra juntamente com Moisés foram os guerreiros que fizeram o “primeiro contato” com Ariosto da Riva, segurando o seu avião. Não sabemos onde foram enterrados os mortos do meu povo neste momento. Precisamos enterrar os nossos mortos e após um tempo de luto, o clã oposto deve vir nos reanimar com um bolo de milho para a família do morto comer e a família do morto realiza uma troca, ofertando penas e rolos de algodão. Isso não aconteceu, não nos deixaram fazer o que deveríamos ter feito. Depois desse acontecimento, circulamos pelas Terras Indígenas *A'uwê uptabi*.



Acervo FUNAI

No fim do ano de 2003, fizemos grandes mobilizações e tivemos articulação muito forte e recebemos vários apoios do próprio povo *A'uwê Uptabi* de outras Terras Indígenas (Parabubure, São Marcos, Kuluene). Esta foto representa a segunda tentativa de retomado do território, quando no aproximamos da divisa da Terra Indígena *Marãiwatsété Tsipodo*., Esta foto mostra a barreira feita por fazendeiros e posseiros com o apoio de políticos, como prefeito de Alto da Boa Vista-MT. Esta foto mostra os *waradzu*, estávamos do outro lado da ponte. Neste momento, foi decidido que ficaríamos acampados próximo a este córrego, denominados por nós por *rowatsétédzépa* (córrego de conflitos).



Acervo FUNAI

Neste momento, a polícia está mediando a conversa entre os *A'uwê* e os *waradzu*. Durante a permanência no acampamento, próximo ao bloqueio da estrada, houveram vários discursos entre lideranças *A'uwê Marãiwatsété tsipodo* com as comitiva dos dois Prefeitos de Alto da Boa Vista e São Felix do Araguaia-MT. Havia uma maior presença de *waradzu*, agentes de Polícia Federal e Militar estavam presentes dando segurança para evitar conflitos.



Acervo FUNAI

E ficamos 10 meses neste acampamento dos *A'uwê Marãiwatsété Tsipodo*, pressionando o governo para nos dar a nossa terra. Com essa nossa presença e pressão, agentes da FUNAI vinham conversar e nos dar o apoio necessário. Nesta foto, os líderes A'uwê pedem à FUNAI que se esforcem em apressar o processo de nossa retomada. Neste momento, tínhamos uma confiança grande na FUNAI, sabíamos que era o órgão que nos representava no governo, precisávamos da FUNAI, não havia outra entidade.



Acervo FUNAI

Depois de alguns meses, o acampamento foi reforçado com a vinda de algumas famílias de mudança definitiva. Mulheres e crianças estavam presentes. Vivíamos uma situação perigosa no acampamento na beira da estrada com o intenso movimento de caminhões, mas eles permaneceram com muito sacrifício. Não tínhamos assistência com segurança e saúde. Havia somente a presença da FUNAI ao longo do tempo em que ficamos acampados.



Acervo FUNAI

No acampamento, o consumo da água de dava no córrego da Ponte Queimada, para nós, Córrego de Conflitos, na língua *Rowatsetédzepa*. Era com esta água que fazíamos nossas comidas, era a única fonte para consumo. As crianças eram as que mais sofriam com esta vida precária.



Acervo FUNAI

Nessa situação precária, sem assistência à saúde, três crianças *A'uwê* faleceram ao longo de três dias. Foi muito triste. O consumo da água imprópria e a poeira causaram as mortes das três crianças simultaneamente. Os *A'uwê Marãiwatsédé Tsipodo* receberam a visita do representante da Organização da Nação Unidas-(ONU), que está de camisa amarela na foto. Este local, onde foram enterradas as crianças foi escolhido por ser bem no limite da Terra Indígena *Marãiwatsédé*. Foi importante garantir que enterrássemos elas em nosso território, na Terra Indígena *Marãiwatsédé*.



Acervo FUNAI

Na noite anterior a este foto, o *warâ* se reuniu e decidiu que iríamos retomar o nosso território, fomos movidos pelas mortes das crianças. Os *A'uwê Marãiwatsété Tsipodo* se mobilizaram no acampamento da BR 158 com a decisão de entrar com todos os esforços para fazer a reocupação. Estávamos decididos de fazer valer o nosso direito sobre o território de *Marãiwatsédé*, mesmo que houvesse conflito. Nesta foto, os guerreiros estão preparados e planejando a reocupação.



Acervo FUNAI

Na preparação da ida do grupo de *I'rehi* (guerreiros guardiões da vida), eles se pintaram de vermelho com penas brancas nas cabeças, da maneira como deve estar um guerreiro. A ideia era que este grupo fosse cercar e prender os funcionários da Fazenda Karú para que pudessemos entrar no território. Este foi um momento de muita cautela dos *A'uwê Marãiwatsédé Tsipodo*. Precisávamos imobilizar os funcionários enquanto as mulheres, crianças e velhos entrassem no território e iniciassem a construção da aldeia. Eles estariam acompanhados de alguns poucos guerreiros.



Acervo FUNAI

Os guerreiros *I'rehi* conseguiram parar um caminhão de caçamba que nos deu carona para que todo o grupo *I'rehi* fosse à Fazenda. A ideia era que cercássemos a fazenda e os *A'uwê*, homens, mulheres e crianças entrassem no território com tranquilidade. Havia caminhões para nos dar apoio para a mudança do acampamento da BR 158 para *Marãiwatsédé*. Foram mais homens para fortalecer no cerco da sede da Fazenda.



Acervo FUNAI

Enquanto os guerreiros iam, preparamos a mudança. Esta foto mostra a saída da BR 158, a mudança das primeiras famílias, principalmente, crianças e mulheres e os mais velhos.



Acervo FUNAI

As famílias se organizavam no acampamento e aguardavam o caminhão.



Acervo FUNAI

Ao chegar à Fazenda Karú, os guerreiros foram lá na sede da Fazenda para cercar os funcionários da Fazenda. Todos os funcionários foram cercados pelos guerreiros. Nesta foto, o motorista do trator, está sendo vigiado por dois guerreiros. Precisávamos evitar que eles fossem nos atacar na nossa retomada. Enquanto isso, os outros *A'uwê* que ficaram no acampamento estavam efetivando a reocupação de pequena área do território de *Marãiwatsédé*. Neste momento, houve a coincidência de ter saído a sentença do judiciário favorável a nossa reocupação. Essa reocupação inicial se deu em uma pequena área, porque grande parte do território estava invadido pelos *waradzu*.



Acervo FUNAI

Essa foto mostra a chegada de dois dos primeiros carros de mudanças no local escolhido, onde seria construída mais uma vez barracas improvisadas na beira da mata. Depois iríamos fazer a nossa aldeia. Os carros faziam esse percurso do acampamento até este local correndo, para que não houvesse tempo dos *waradzu* irem ao acampamento impedir nossa saída de lá. Esse carro Toyota da foto tombou com três *A'uwê* na correria para evitar os *waradzu*.



Acervo FUNAI

Esta foto mostra a primeira chegada do caminhão, mulheres e crianças descarregavam a mudança. Essas mulheres começaram a escolher os locais onde seriam construídas as barracas provisórias.



Acervo FUNAI

Na espera do caminhão, as famílias organizaram seus pertences, cuidando de suas coisas na beira da estrada. Muito diferente do que ocorreu na nossa expulsão do território, em 1966, quando nossas coisas ficaram abandonadas nas nossas casas e jogadas pelo chão da aldeia. Fomos expulsos de nossa terra e não levamos nada.



Acervo FUNAI

Barracas improvisadas foram construídas pelas famílias nos locais onde foram colocados os pertences. Depois, iniciaram a construção da primeira aldeia *Marãiwatsédé*.



Acervo FUNAI

Barracas construídas de forma organizada, seguindo a divisão dos grupos, na beira da mata.



Acervo FUNAI

Essa foto mostra o estrago que a ocupação dos *waradzu* fizeram em nosso território, ao lado da mata ciliar, há uma área gradeada, arada para plantação da louvara. Ficamos muito tristes de encontrar nosso território dessa maneira, mas era importante reocupar para que a mata voltasse, ela precisa dos *A'wê Marãiwatsédé* assim como nós precisamos dela. Conforme disse o cacique Damião, ele gosta de ver a cara da onça pintada, assim queremos ver os animais circulando novamente em uma mata em *Marãiwatsédé*. Segundo o cacique, na primeira noite da retomada, os *A'uwê* ficaram muito alegres e dançaram com a lua clara. O cacique Damião afirma que nunca irá esquecer a retomada e esta primeira noite da retomada.



Acervo FUNAI

Após a saída do acampamento na BR, os *waradzu* queimaram as nossas barracas, mostrando todo o preconceito contra nós e querendo nos intimidar.



Acervo FUNAI

Esta foto mostra a aldeia finalizada com suas casas, dispostas em um semicírculo, em 2004. Aparece nesta foto a metade da aldeia, a mulher anciã sentada em uma cadeira de rodas na primeira casa, acompanhou todo o processo, da expulsão à retomada, de 1966 a 2004. Ela é a mãe do cacique Damião e sua intenção era morrer junto com o cacique mesmo se houvesse algum conflito. Após 38 anos fora de sua terra, ela estava muito feliz de ter retornado. Ela faleceu em 2009.



Acervo FUNAI

Aldeia Marãiwatsédé



Acervo FUNAI

Em 2008, os missionários montaram sua estrutura física com escolas, igreja e alojamento. A estrutura tenta imitar as casas tradicionais. A primeira construção é uma escola utilizada com salas de aulas, a segunda é uma igreja e a terceira é um alojamento dos padres e quarta é outra escola. A construção seguinte é uma escola construída pelo governo do estado de Mato Grosso.



Acervo FUNAI

Na primeira aldeia de *Marãiwatsédé* foi construído um posto de saúde. Os profissionais de saúde são todos *waradzu*, (enfermeiros, técnicos de enfermagem, dentista). Hoje, há homens *A'uwê* formados em cargos técnicos e futuramente teremos os *A'uwê* ocupando as funções no posto. Também, temos *A'uwê* como Agentes Indígenas de Saúde, Agentes de Saneamento, Agentes bucais e auxiliares administrativos e de limpeza trabalhando no posto.



Acervo FUNAI

Recebemos, também, o trator e outros equipamentos para auxiliar na atividade produtiva da comunidade, mesmo assim, mantemos as roças de tocos de familiares. O operador das máquinas é da própria comunidade. Com essas máquinas já plantamos e colhemos arroz, milho *A'uwê* e mandioca. Aproveitamos onde já estava gradeado, uma pequena parte para fazermos nossa plantação.



Acervo FUNAI

Mesmo reocupando e instalando a aldeia *Marãiwatsédé*, algumas fazendas continuaram em nosso território. Jovens *A'uwê* estavam circulando pelo território e nas proximidades de uma fazenda que era uma invasão, um deles foi baleado. Então, fomos até esta fazenda e a destruimos, os *waradzu* fugiram. Nosso território foi invadido e, agora, estávamos retirando os invasores que estavam nos agredindo.



Acervo FUNAI

O dia 05 de abril de 2013 foi o dia da reintegração de posse para o governo brasileiro aos *A'uwê Uptabi Marãiwatsété Tsipodo*, de todo o território. Esta data marca o fim da retirada de todos os invasores. Nesta foto, estão os representantes do Governo Federal, o primeiro do lado esquerdo é o Thiago Garcia com a gravata do *A'uwê*; o segundo é o Cacique Damião *Paridzané* com cocar e na mão está com o envelope com o documento oficial da posse; no meio é o Gilberto Carvalho; em seguida Paulo Maldos que está com arco e flecha e milho Xavante; e por último Nilton Tubino, da Coordenação Geral da Operação da Desintrusão da Terra Indígena *Marãiwatsédé*, com a missão cumprida da reintegração de posse ao *A'uwê Uptabi Marãiwatsété Tsipodo*, pelo governo federal com o ordenamento do judiciário brasileiro. Esse dia marca a retirada dos *waradzu* do nosso território, que ocupavam de má fé a partir do crime de terem nos expulsados do nosso território. Em 1998, teve início o processo de identificação e demarcação que teve fim em 2013. Este dia foi de muitas emoções das conquistas que conseguimos com a retomada, da memória do território de *Marãiwatsédé*. Mas, estamos sempre vigiando o nosso território que é alvo de invasão pelos *waradzu*. Nosso território ainda tem a estrada do governo

federal passando no meio dele, o que é problema. E continuam tentativas dos ex-ocupantes *waradzu* em invadir o antigo posto de gasolina denominado Posto da Mata que estava dentro do território onde estava o pequeno vilarejo *waradzu*, no centro do território de *Marãiwatsédé*. Essas tentativas de invasões aconteceram até o governo cumprir com as propostas de indenizações.



Acervo A'uwê Uptabi Marãiwatsété Tsipodo

Reunião da comunidade junto com o Cacique da aldeia *Marãiwatsédé* no espaço da Escola Estadual Indígena *Marãiwatsédé*, após a finalização do processo de desintrusão. Discutíamos sobre a reocupação e uso do território, sobre como construir um novo mecanismo de sustento e proteção e sobre o apoio para a construção das aldeias novas. Esta reunião foi acompanhada pelos funcionários da Coordenação Regional de Ribeirão Cascalheira-MT (FUNAI).



Acervo A'uwê Uptabi Marãiwatsété Tsipodo

Representante da FUNAI participando da discussão.



Acervo A'uwê Uptabi Marãiwatsété Tsipodo

Mais um momento de discussão, mas neste caso, acontece o *warã*, os homens estão tomando decisões que serão seguidas pela comunidade.



Acervo A'uwê Uptabi Marãiwatsété Tsipodo

No dia 07 de setembro de 2015, a segunda aldeia foi fundada chama-se *A'õpa*. Isso marca o processo de reocupação do território decidido pela comunidade *A'uwê Uptabi Marãiwatsété Tsipodo*. Primeiramente, foram construídas barracas improvisadas, esta foto mostra as casas sendo construídas. A aldeia é conduzida pelo ancião Zeferino *Wa'airé* na função do Cacique da aldeia *A'õpa*. O cacique geral do território de *Marãiwatsédé*, Damião *Paridzané*, mora nesta aldeia.



Acervo A'uwê Uptabi Marãiwatsété Tsipodo

No dia 09 de outubro de 2015, um grupo inicia a construção da aldeia *Madzabdze* no local onde estava a fazenda do Alemão. Esta foto mostra o momento da chegada ao local escolhido. Eles foram de mudanças em um caminhão, ocuparam uma casa da Fazenda e todos ficaram juntos nesta casa na beira de um lago da represa da fazenda. Hoje, não resta mais construções da fazenda, mas somente nossa aldeia.



Acervo A'uwê Uptabi Marãiwatsété Tsipodo

Esta foto mostra os *A'uwê madzabdze* na construção da fazenda, organizando-se para fazer a aldeia. O ancião Azevedo *Tseredarã*, que aparece nesta foto, chegou a este local antes da aldeia estar finalizada porque ele sentiu falta das crianças, de seus netos, da sua família. Eles eram moradores da aldeia *Marãiwatsédé*. Ele não aguentou ficar longe da sua família. *Madzabdzé* em português significa lugar de Ema. Antigamente, os *A'uwê* criavam emas que seguiam seus donos, mas a partir deste lugar, elas não quiseram mais acompanhar seus donos, por isso, este local é denominado de lugar de ema.



Acervo A'uwê Uptabi Marãiwatsété Tsipodo

Atrás da casa da fazenda tinha o córrego da represa, onde as crianças tomavam banho e brincavam. Elas adoravam o lugar porque tinha muita água. A vida da criança é mais tranquila, elas interagem com o espaço e não ficam pensando em voltar para *Marãiwatsédé*, para elas a aldeia já está pronta. Enquanto nós adultos ficamos preocupados em construir a aldeia, na distância da aldeia original. Elas estão com a família em seu território, interagindo e felizes.



Acervo A'uwê Uptabi Marãiwatsété Tsipodo

Foto da comunidade da aldeia *Madzabdzé*, após finalizada a construção da aldeia com a cacica *Carolina Rewaptu*, que conduz a sua comunidade sempre propondo a frente da comunidade. Ela se preocupa em não somente reocupar o território, mas buscar formas de produção de alimento tradicional. Ela achou que ainda tinha muitos recursos naturais para trabalhar no artesanato que não estavam produzindo mais. Na primeira aldeia, ela era a responsável pelo grupo de coletoras (*Romnhama'ubumrõ'wa*). Ela quer levar este trabalho para a atual aldeia. Espera ter fatura na sua aldeia.



Acervo A'uwê Uptabi Marãiwatsété Tsipodo

Foto da aldeia *Madzabdzé*, um círculo aberto, em frente da aldeia está o córrego, atrás da aldeia estão as pastagens transformadas pelo ex- proprietário da Fazenda.



Acervo A'uwê Uptabi Marãiwatsété Tsipodo

Estrutura improvisada da escola em *Madzbdzé*. Seguimos confiantes na reocupação do nosso território.

TERRA INDIGENA MARÃIWATSÉDÉ, 20 DE MARÇO DE 2017.

ALDEIA MADZABDZÉ

ENTREVISTA DA PROFESSORA CAROLINA REWAPTU/CACICA

Local: Escola de *Madzabdzé*



Acervo A'uwê Uptabi Marãiwatsété Tsipodo

Eu sou Carolina Rewaptu, cacica e também professora na minha aldeia que se chama Madzabdzé. Falo a língua Madzabdzé, pois eu vim aqui para viver e conduzir a minha comunidade, porque eu tenho desejo de ocupar e cuidar deste território, para que as florestas voltem como era antes. Trabalho na condução de produzir e valorizar o trabalho coletivo da comunidade desse grupo, para que nós mantermos todos os tipos de alimentos tradicionais permanentes da comunidade para as crianças, jovens e adultos. Aqueles alimentos que nós produzimos, que vem da terra, não faz mal a saúde e não dá doenças nenhum, o que vem da produção da terra. Dentro do nosso próprio conhecimento A'uwê uptabi existe higiene pessoal não é só os cuidados do waradzu (dos brancos). Existe os cuidados com o meio ambiente, voltado para higiene pessoal como os cuidados dos rios que fica próximo para tomar banhos, isto faz parte de toda a nossa saúde. Portanto, aqui na aldeia tem nascente viva e forte, água corrente, por isso a saúde das crianças está sendo mais saudável e nem adultos, nem ninguém ficou doente neste primeiro ano. A nossa aldeia fica muito longe da primeira aldeia que é Marãiwatsédé, temos visita dos profissionais de saúde que trabalhavam no posto de saúde da primeira aldeia Marãiwatsédé, conforme o programa construído pela equipe de saúde, eles visitem as três aldeias novas. Portanto, estamos felizes por motivo que não estamos doentes nesta aldeia, mas só fica difícil quando há doenças graves na comunidade. O nosso Agente de Saúde Indígena (AIS) socorre e busca o carro lá no Posto de Saúde da Aldeia Marãiwatsédé e vem buscar o paciente aqui, na nossa aldeia e ainda leva daqui para hospital. Mas ainda não houve nada disso, não estamos doentes, o que estou vendo está preservado em todos os espaços da aldeia, não tem lixo nos espaços, porque a transmissão das doenças na vida, tudo, vem dos descuidos com o lixo jogado que contamina de poluição e provoca a nossa saúde. Com está razão, eu estou fazendo o trabalho junto com as comunidades na condução de preservação do meio ambiente da nossa volta para evitar doenças que virão. A higiene pessoal que conheço, que pratico é o corte de cabelo, corte de unhas, o cuidado do corpo de vida. Existem esses cuidados que foram transmitidos pelos nossos antepassados. Porém, é, principalmente, responsabilidade da mãe a parte de cuidados e mais a função do homem é o tipo de sustentabilidade de caça e pesca que sustentam no fortalecimento de sua saúde. Temos assim papéis separados dos trabalhos que fazem na função de cuidar das suas famílias para que não falem os alimentos no cotidiano. Então, esse cuidado é a parte da mulher: bom corte do cabelo, o corpo limpo e no banho lavar a criança com uma folha da árvore Wedenhorôtó, que tira a sujeira e limpa a vida da criança para que tenha saúde e fique mais saudável. Seria muito interessante para plantar aqui, mas não tem condição de buscar e trazer e recuperar este recurso para utilizar na saúde da criança. Porque nós devemos fazer isso, também da nossa parte dentro do conhecimento na parte de cuidados. Devido à falta de carro para buscar esse recurso onde tem, no cerrado. Aqui também estamos comemos de uma comida que não comemos mais antes de irmos pra cá. Agora, estamos fazendo e comemos o bolo assado e coberto da folha Tsuihopo, então esse tipo de atividade é a retomada dos alimentos tradicionais para evitar problemas de saúde, e outra coisa, aqui não chega

muito os alimentos industrializados da cidade. Porque a nossa aldeia fica longe da cidade, para que não se torne ou se encha das coisas que chegam da cidade como sacolas, vasilhas de latas e ferro velhos, qualquer tipo de produto químico que chega à aldeia e possa prejudicar a nossa saúde e ainda transmitir doenças. Para mim, serve o ar que nós respiramos da natureza. Eu vejo e observo que, ainda, ninguém se aproximou da minha missão, do meu objetivo, para que se torne um objetivo único de todos. Para buscar e acompanhar da melhor forma para atender com a demanda da necessidade da comunidade. Anda no meio das crianças eu falo e me apresento como professora e cacica da aldeia aqui, nesse espaço onde vocês aprendem, são formados. Por exemplo, vocês devem cumprimentar o diretor que está presente no momento. Podemos cumprimentar ele de uma boa tarde (Hoiwahowê), e hoje vocês estão aqui trabalhando plantando de algumas plantas no quintal da escola da aldeia, e mais uma vez estão aqui para ouvir e observando que o espaço de busca de aprendizagem da forma melhor. Aqui tem duas professoras que ensinam as coisas para vocês para que vocês aprendam para o que servem os conhecimentos para os futuros de cada um de vocês. Assim acaba a minha fala para vocês, mas eu faço uma pergunta para vocês: nesta aldeia não podemos viver sem fazer atividade produtiva, ficando parado. E vocês não vão trabalhar? No sentido de plural nós vamos trabalhar. As falas das crianças foram: “Estamos trabalhando e produzindo milho do A’uwê Uptabi, cara, mandioca, o que produzimos não contaminamos de adubos, então é mais saudável”. Mais uma coisa, e as frutas, será que só nós comemos? As crianças falam: “também os bichos e animais comem as frutas”. Quais são? As crianças falam: Caetetu, arara e outros espécies. Porque nos construímos esta aldeia? Para que serve? As crianças falam que é pra plantar e produzir, para nós vivermos aqui e mantermos a nossa cultura, tudo relacionado com as nossas vivências da nossa vida. No final, as crianças que estavam presente fizeram encerramento com danças e os movimentos de danças dos homens e das mulheres diferentes.

Bibliografia:

COSTA, S. 2006. Desprovincializando a sociologia: a contribuição pós-colonial. *RBCS*, vol.021, n.60.

SAUER, S. (no prelo). Terra no século XX: desafios e perspectivas da questão agrária.

MAYBURY-LEWIS, D. 1984. A Sociedade Xavante. RJ: Francisco Alves